WWW.PLACAR.COM.BR
COLEÇÃO
PLACAR
Grandes perfis de PLACAR
7 893614 012506
Abril
ED. 1239 | SETEMBRO 2002 | R$ 4,90
Bebeto
Zico
Paulo César
Júnior
Flamengo
OS 23 MELHORES PERFIS JÁ PUBLICADOS NOS 32 ANOS DE PLACAR.
ZICO, DOVAL, JÚNIOR, ADÍLIO, CARPEGIANI, MOZER, NUNES, PETKOVIC, LEANDRO, JÚLIO CÉSAR, RAUL, ALDAIR, LEONARDO, TITA E MUITOS OUTROS
Fio
Rondinelli
Renato

BRASILEIRO EM DOSE DUPLA

PLACAR ataca em 2002 com dois especiais: o tradicional Guia do Brasileirão e um CD-ROM com as fichas completas dos 11 065 jogos de 1971 a 2001

Já está nas bancas o mais tradicional e confiável **Guia do Campeonato Brasileiro.** São 486 fichas e fotos de jogadores, autógrafos e e-mails dos ídolos. E mais: os gols, cartões e estatísticas individuais de todos os jogadores, números que só o banco de dados PLACAR pode oferecer. Grátis tabelas com todos os jogos das Séries A e B. Por 6,90, já nas bancas!

PLACAR lança um **CD-ROM** inédito no Brasil: as 11 065 fichas completas dos jogos do Brasileiro de 1971 a 2001. Com um simples "clic" é possível descobrir todos os jogos de um determinado jogador, os confrontos de dois times, as pesquisas mais diversas. Um banco de dados com 450 mil informações armazenadas em um CD de fácil acesso. Por apenas 6,90, já nas bancas!

EDITORA

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: ROBERTO CIVITA
Vice-Presidente e Diretor Editorial: THOMAZ SOUTO CORRÊA
Diretor Editorial Adjunto: LAURENTINO GOMES

Presidente Executivo: MAURIZIO MAURO

Vice-Presidente Comercial: CARLOS R. BERLINCK
Diretora de Publicidade Corporativa: THAIS CHEDE SOARES B. BARRETO

Diretor de Unidade de Negócio: Paulo Nogueira
Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Editor Especial: Arnaldo Ribeiro **Coordenação:** Silvano Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Alessandra Mennel **Colaboradores:** Leandro Simões (editor), Crystian Cruz (diretor de arte), Fernando Morra (diagramador) e Alexandre Battibugli (editor de fotografia)

www.placar.com.br

Apoio Editorial Depto. de Documentação: Susana Camargo **Abril Press:** Rosi Pereira **Prepress:** Susana Cruz **Publicidade: Diretor de Vendas:** Sergio Amaral **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor de Publicidade Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Executivos de Negócios:** Letícia Di Lallo, Marcelo Cavalheiro, Robson Monte, Rodrigo Floriano de Toledo, Leda Costa (RJ) **Gerentes de Vendas:** Marcos Peregrina Gomez (SP), Rodolfo Garcia (RJ) **Executivos de Contas:** Carla Alves, Marcello Almeida, Marcelo Pezzato, Renata Mioli, Vlamir Aderaldo (SP) Cristiano Rygaard, Yan Gellineaud (RJ) **Coordenadora:** Cristina Pessoa (RJ) **Núcleo Abril de Publicidade Diretor de Publicidade:** Pedro Codognotto **Gerentes de Vendas:** Claudia Prado, Fernando Sabadin **Gerente de Classificados:** Francisco Raymundo Neto **Marketing e Circulação: Diretor de Marketing:** Alexandre Caldini Neto **Assistente de Produto:** Carla Felicíssimo Soares **Gerente de Marketing Publicitário:** Érica Lemos **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Projetos Especiais:** Cristina Ventura, Cristiana Cardoso e Renato Dantas **Processos:** Alberto Martins e Carla Zucas **Gerente de Processos:** Renato Rozanti e Ricardo Carvalho **Gerente de Circulação Avulsas:** Ronaldo Borges Raphael **Gerente de Circulação Assinaturas:** Euvaldo Nadir Lima Júnior **Assinaturas: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor:** Ana Dávalos **Diretor de Vendas:** Fernando Costa

Em São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638 **Publicidade:** (11) 3037-5000, Central-SP (11) 3037 5759 **Classificados:** 0800-132066, Grande São Paulo 3037-2700. **Escritórios e Representantes de Publicidade no Brasil: Belo Horizonte** – Av. do Contorno, 5.919 - 9º andar - Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vania R. Passolongo, tel.:(31) 3282-0630, fax: (31) 3282-8003 **Blumenau** – R. Florianópolis, 279 - Bairro da Velha, CEP 89036–150, M Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, Fax (47) 329-6191 **Brasília** – SCN Q. 01 Bl. C Ed. Brasília Trade Center, 14º andar sl. 1.408 Tel. 315.7554 **Campinas** – R. Conceição, 233 - 26º andar - Cj. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **Curitiba** – Av. Cândido de Abreu, 651 - 12º andar, Centro Cívico - CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426 Fax: (41) 252-7110 **Florianópolis** – R. Manoel Isidoro da Silveira, 610, Sl 107, CEP 88062-060, Comercial Via Lagoa da Conceição, tel.: (48) 232-1617 Fax: (48) 232-1782 **Fortaleza** – Av. Desembargador Moreira, 2020, s/s 604/605 Aldeota - CEP 60170-002, Midiasolution Repres. e Negoc. em meios de Comunicação, telefax: (85) 264-3939 **Goiânia** – R. 10, nº 250, loja 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Representações Ltda, Tels.: 215-3274/3309, telefax: (62) 215-5158 **Joinville** – R. Dona Francisca, 260, Sl 1304, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Projetos Editoriais Mkt e Repres. Ltda, telefax: (47) 433-2725 **Londrina** – R. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP86040-550, Best Seller Repres. Coml. telefax: (43) 325-9649 / 321-4885 **Porto Alegre** – Av. Carlos Gomes, 1155, sl 702, Petrópolis, CEP 90480-004, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3388-4166, fax: (51) 3332-2477 **Recife** – R. Ernesto de Paula Santos, 187, Sl 1201, Boa Viagem, CEP 51021-330, MultiRevistas Publicidade Ltda. telefax: (81) 3327-1597 **Ribeirão Preto** – R. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda, tel.: (16) 635-9630, telefax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro** – Praia de Botafogo, 501, 1º andar, Botafogo, Centro Empresarial Mourisco, CEP 22250-040, Paulo Renato L. Simões, Pabx: (21)2546-8282. tel.:(21)2546-8100, fax: (21)2546-8201 **Salvador** – Av.Tancredo Neves, 805, Sl 402, Ed.Espaço Empresarial, Pituba,CEP 41820-021, AGMN Consultoria Public. e Representação, telefax: (71) 341-4992 / 4996 / 1765 **Vitória** – Av. Rio Branco , 304, 2º andar, Loja 44, Santa Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propaganda e Marketing Ltda, telefax: (27) 3325-3329 **Escritório no Exterior: Portugal - Importação Exclusiva e Comercialização:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. **Distribuição:** Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

Publicações da Editora Abril Veja: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais, Tudo **Negócios:** Exame, Exame SP, Você S/A, Meu Dinheiro **Jovem:** Playboy, Capricho **Abril Jr.:** Recreio, Witch, Disney, Heróis, Almanaque Abril, Guia do Estudante **Estilo:** Claudia, Nova, Nova Beleza, Elle, Vip **Turismo e Tecnologia:** Info Quatro Rodas, Superinteressante, Viagem & Turismo, Guias 4 Rodas, National Geographic **Casa e Família:** Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Bons Fluidos, Claudia Cozinha, Saúde, Boa Forma **Alto Consumo:** Viva Mais!, Ana Maria, Contigo, Minha Novela, Manequim, Manequim Noiva **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR nº 1238 (ISSN 0104-1762), ano 33, é uma publicação da Editora Abril. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 3990-2112, Demais localidades: 0800-704-2112
Para assinar: Grande São Paulo: 3990-2121, Demais localidades: 0800-701-2828

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 CEP: 02909-900 Freg. do Ó - São Paulo - SP

ANER

Presidente e Editor: ROBERTO CIVITA
Gabinete da Presidência: JOSÉ AUGUSTO PINTO MOREIRA, MAURIZIO MAURO, THOMAZ SOUTO CORRÊA
Presidente Executivo: MAURIZIO MAURO

Vice-Presidentes: CARLOS R. BERLINCK, CESAR MONTEROSSO, GIANCARLO CIVITA, JOSÉ WILSON ARMANI PASCHOAL, VALTER PASQUINI
www.abril.com.br

SÉRGIO XAVIER FILHO
DIRETOR DE REDAÇÃO

Tesouros no armário

Ele tem 1,80 m, pesa uns 200 quilos, é largo como um armário. Está sempre no cantinho da redação, meio encostadão na parede. Sabe tudo o que aconteceu no futebol brasileiro dos últimos 32 anos e guarda lembranças de todos os ídolos dos nossos clubes. Se fosse um ser humano, mereceria toda a reverência do mundo. O nosso armário das encadernações é o maior patrimônio da PLACAR. Lá estão 1233 edições (fora os especiais) encadernadas em 128 volumes. Vivemos abrindo suas portas, tirando dúvidas ou simplesmente nos deliciando com alguma matéria que tenha marcado. Esse tesouro merecia ser dividido com mais gente. No ano passado, lançamos a "Coleção 13 clubes", contamos em 13 revistas as melhores reportagens de Flamengo, Vasco, Fluminense, Botafogo, Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Santos, Grêmio, Internacional, Cruzeiro, Atlético-MG e Bahia publicadas desde março de 1970. O enfoque nessa primeira série eram as conquistas, as reportagens que contaram os principais títulos dos clubes. Agora atacamos forte nos perfis, os grandes ídolos de cada época.

Selecionar as melhores matérias do Flamengo revelou uma dupla dificuldade. Primeiro foi duro escolher o melhor Zico, o melhor Júnior, o melhor Adílio. A geração de ouro atravessou os anos 70 e 80 e não foram poucas as grandes matérias com eles. No caso de Zico, por exemplo, decidimos por um texto escrito por Marcelo Rezende (hoje apresentador da Rede TV) de 1980. O repórter conseguiu diagnosticar a mudança do jogador-show para jogador-competitivo. Outra dificuldade foi encontrar perfis nos anos 90 pela simples razão que o Flamengo produziu poucos ídolos na década. Mas o resultado final da edição é motivo de orgulho para toda a nação rubro-negra.

Ídolo do Flamengo e do povo, o dentuço e desengonçado atacante ganhou até homenagem de Jorge Ben. Ganhou também a simpatia das garotas, que se derramavam em elogios ao seu carisma.

Fio, o bem amado

CINQÜENTA MOCINHAS LHE ESCREVEM TODA SEMANA. MAS O ÍDOLO TROCARIA A FAMA PELO SIMPLES PRAZER DE TER SUA FAZENDA NA PACATA CIDADE DE CONSELHEIRO PENA

POR FAUSTO NETO

Cabeça grande, dentuço, pés enormes, corpo desengonçado, nem alto, nem baixo: Fio, o bonitão, o lindo, o bem-amado, o doce de jabuticaba.

"Adoro o Fio. Acho-o um cara genial e tenho por ele uma grande paixão" — Tânia Regina da Costa, 17 anos de idade, carioca, 2° ano clássico, boa aluna de francês, futura assistente social.

"No quarto da Tânia não entra mosquito. As paredes estão repletas de fotografias e recortes falando do Fio" — Evandro Luís, 13 anos, irmão de Tânia.

"Há um ano que o amo secretamente. Quase morri de emoção quando recebi a primeira resposta de uma carta que escrevi. Nela, Fio me retribuía dois beijos muito carinhosos" — Maricéa da Costa Sales, 14 anos, 2° ano ginasial, residente do Engenho de Dentro, subúrbio do Rio.

"Sou o maior improvisador do futebol brasileiro. Em cada jogo, invento um novo drible. Se quiserem conferir, comecem a anotar a partir de agora" — o próprio Fio.

A correspondência recebida pelo Sr. João Batista de Sales, 25 anos, 1,75 m de altura, 74 quilos, chuteiras 43, filho de Valdemiro e Maria, é a maior do Flamengo — cerca de 50 cartas por semana, a maioria propondo casamento ou declarando amor. Ou então, xingando-o, criticando-o, arrasando-o.

— Um dia recebi uma carta de um torcedor do Fluminense que só não me chamava de santo. Dizia o diabo. Eu até tremi, de raiva. Mas o azar foi dele. No domingo a gente ia jogar contra o Fluminense. Aimoré era o técnico do Flamengo. Pedi para jogar e ele me escalou. Ganhamos de 4 x 1. Fiz dois gols e dei os passes para os outros. Estava uma fera. Sabem o que aconteceu depois? O mesmo torcedor escreveu pedindo clemência, que eu esquecesse tudo. O gozado é que daquele dia em diante quase nunca perdi para o Fluminense. Jogo com o Flu é bicho certo.

Dentro de Fio, atrás de seus dentes compridos e salientes, estão um bom caráter e uma simpatia pessoal que todos admiram — desde os seus fãs até os companheiros de time. Mas está também um grande orgulho pela sua família e pelo seu próprio futebol:

— A tendência dos Germano de Sales é para o futebol. *(As risadas de Luís Cláudio, ao lado, quase encobrem as palavras de Fio.)* Meu irmão Germano chegou à Seleção e hoje é milionário e tranqüilo. Michila é um dos titulares do Flamengo. Nino, de 17 anos, está a caminho da Gávea. Luís Carlos, um moleque de 11 anos, está acabando com a bola, segundo conta o meu pai, em cartas. E eu sou um jogador de criação. A cada jogo crio um drible novo — quem não reparou é só me acompanhar de agora em diante.

Mas Fio, campeão da Taça Guanabara, ídolo do Flamengo e das mocinhas do Rio, por um sonho talvez deixasse tudo isso, o Flamengo, a glória e as cartas, trocando tudo pela vida pacata de fazendeiro em Conselheiro Pena, em Minas:

— Mas não um fazendeiro grande, que isso dá muito trabalho. Uma fazendinha, com algumas cabeças de gado.

FERNANDO PIMENTEL

"Fio Maravilha": muita malícia e raça, como na música; raça para fazer gols e malícia para processar o autor da homenagem

"Sou o maior improvisador do futebol brasileiro. Em cada jogo, invento um novo drible. Se quiserem conferir, comecem a anotar a partir de agora"

O gringo foi o dono da camisa 10 antes de Zico. E o Galinho deve muito mesmo ao galã argentino: a esposa Sandra só o conheceu porque ia para o alambrado da Gávea suspirar por aquele cabeludo de olhos azuis. Craque dentro de campo, cobiçado fora dele, Doval fez história no Mengão.

O louco Doval: incomodado quando era obrigado a jogar preso dentro de padrões táticos

El loco Doval

POR MICHEL LAURENCE

AO LADO DE AFONSINHO, DOVAL É RESPONSÁVEL PELA VOLTA POR CIMA DO MENGÃO NO BRASILEIRO. AMANTE DAS MULHERES E DA PRAIA, O MEIA TEM UMA TERCEIRA PAIXÃO: A BOLA BEM JOGADA

Como definir um homem que, cercado de belas mulheres, afirma gostar da solidão? Como enquadrar um homem que, de uma hora para outra, sai da maior alegria para cair numa depressão incrível? Assim é o gringo Doval, que os argentinos chamam mais propriamente de El Loco Doval.

Já o rosto sugere maiores contradições: traços moleques e atitudes profissionais; maçãs da face salientes, que poderiam indicar uma origem indígena, contrastando com cabelos louros e olhos azuis — tão azuis que enlouquecem as mulheres.

— É, gosto muito de duas coisas no mundo: mulheres e praia. Mas gosto, gosto mesmo, de mulheres.

Doval estava particularmente feliz no primeiro treino da semana passada, na Gávea. Desde que passou pelo portão, roupas justas ao corpo, ouviu os comentários e sorriu satisfeito. Do porteiro ao presidente, todos no Flamengo estão eufóricos com sua volta ao time, com a raça, a alegria e a categoria de seu futebol.

Quase bom

— Ainda não estou bem fisicamente; estou atravessando uma boa fase técnica, mas ainda não estou bom das pernas.

Um grupinho de moças se assanha quando ele passa em direção ao vestiário, mas Doval parece não ligar; continua seu caminho, como quem já está muito acostumado. Logo a seguir, sem qualquer sinal de máscara, mas apenas por ter consciência do que acontece, confessa:

— Desde jovem posava para capas de revistas de moda. Tenho duas lá em casa (*da revista Gente, de Buenos Aires*). Quer dizer, estou acostumado com essas coisas. Mas, sabe? Gosto é de estar sozinho. Quando saio para a praia, em Copacabana, sempre vou sozinho. Não fico muito tempo na minha, porque logo aparece um pessoal para bater papo, mas gosto de estar só e ler.

A carreira de Doval, garoto de classe média, começou quando ele ainda trabalhava com o tio num estúdio fotográfico e foi jogar uma pelada no bairro de Palermo, em Buenos Aires.

— Eu estava com um dedo do pé machucado e resolvi jogar no gol. Cada vez que fazia uma defesa, me empolgava, botava a bola no chão, driblava o time adversário e marcava um gol. Por acaso, o vice-presidente do San Lorenzo, Angoti, estava assistindo e me levou para os juvenis. No primeiro treino, contra o time de um colégio de padres, ganhamos de 8 a 0 e eu fiz 7 gols. Dois anos depois estava jogando no primeiro time do San Lorenzo.

Nessa época, o time do San Lorenzo teve uma linha conhecida como Los Caras Súcias — a alegria das platéias argentinas.

— Jogávamos eu, Tech, Bambino Veira, Casita e Arian. Quando a gente sentia que o jogo estava fácil, começava a fazer diabruras com a bola. Dávamos shows.

Uma dessas jogadas dos tempos de cara-suja — vir na corrida e subir na bola, para descer fazendo corrupios — Doval tentou realizar no Flamengo, mas foi logo avisado: "Não faz isso aqui, não, que te mandam pro hospital".

— Agora mudei muito, mas já fui muito irresponsável. Por isso, fui suspenso dez meses na Argentina, depois de uma excursão da Seleção à Europa. Eu tinha 21 anos e fizemos uma besteira no avião; todo mundo fez, mas só três pagaram o pato e um deles fui eu.

A paixão de sempre

Doval não gosta de explicar, mas os jogadores passaram a mão na aeromoça. Doval e mais dois desceram presos, o que causou escândalo na Argentina. A punição inicial havia sido de um mês, mas a suspensão acabou agravada para dez.

— Sabe por quê? Eu resolvi me defender, com a ajuda de um jornalista, e o caso cresceu muito. O interventor na AFA começou a me chamar de moleque, em público, e eu disse na TV que ele é bicha.

Resultado: ficou afastado do futebol e enfrentou dois processos por difamação.

— Acontece que eu sempre digo o que sinto e não me arrependi. Mas como é que eu posso provar que um cara é bicha?

A suspensão de Doval causou revolta no público argentino, que o tinha como ídolo. Durante muito tempo os estádios ficavam cobertos de faixas e panfletos pedindo sua volta.

"Quando começam a falar, confirmo: 'Sou mesmo, e daí?' Assim fica todo mundo satisfeito. Sei que não sou, e isso me chega"

DOVAL, SOBRE SER OU NÃO MACONHEIRO

— É isso; além de irresponsável, eu era um duro. Entre um rico e um pobre, a coisa sempre pende para o lado do rico.

A luta de Doval contra os fortes só terminou quando Tim foi dirigir o San Lorenzo. Acabou artilheiro.

— Tim é o maior técnico que conheci. Foi graças a ele que vim para o Flamengo.

Pelos problemas que passou, Doval agora cuida melhor de seu dinheiro. Tem uma loja de artigos masculinos alugada em Buenos Aires e aplica dinheiro em ações do Banco do Brasil e em apartamentos, comprados em sociedade com George Helal, antigo vice-presidente do Flamengo. Economiza tanto que ficou conhecido no Rio como pão-duro.

— Não é bem assim. Apenas aprendi minha lição. Sempre vivi bem; nunca tive problemas quando criança, embora tenha perdido meus pais cedo. Meu pai morreu do coração e mamãe de câncer.

No Flamengo, Doval é considerado como uma espécie de amuleto. Nesses quatro anos, só teve um problema, justamente com o homem que sempre cria centenas de problemas: Iustrich.

Proibição boba

— Ele não queria me deixar ir à praia, veja só. Quando vi que não dava mesmo para aturá-lo, pedi ao Helal para me emprestar ao Huracán, da Argentina.

O folclore em torno de Doval é grande. Sua popularidade, o tipo de vida que leva, sempre na praia, cercado de gente badalada, tudo isso faz com que digam muitas coisas a seu respeito.

— É, dizem que sou maconheiro. Quando começam a falar, confirmo: sou mesmo, e daí? Assim fica todo mundo satisfeito. Eu sei que não sou, e isso me chega.

Garoto lindo

Duílio, um dos goleiros reservas do Flamengo, mexe com Doval:

— Garoto lindo.

Doval sorri e vai em frente:

— Ficam dizendo que eu não quero jogar na ponta-direita. Mentira. Eu não queria jogar na ponta quando o Iustrich era o técnico, porque ele desejava me prender a funções táticas, planos de jogo. Gosto de ser livre para poder criar, improvisar. Se Zagalo quiser que eu seja ponta-direita, vou ser, porque sei que ele vai me deixar jogar intuitivamente. Essa é a diferença.

Agora é a vez de Doval sair correndo para o treino. Os cabelos louros voam ao vento e as meninas suspiram. Ele ri. A primeira bola que passa na sua frente vai parar dentro da rede. E a gente fica com a impressão de que Doval esqueceu um detalhe quando falou das coisas que mais gosta: a praia, as mulheres — e a bola. ●

Sua irreverência não era um traço exclusivo dos gramados, onde o ponta-esquerda (às vezes ponta-de-lança) freqüentemente humilhava os adversários. Na vida, Paulo César Caju era um debochado. Arrogante e agressivo, na opinião de muitos. Nesta reportagem, um craque de alma nua.

Pobre menino rico

A HISTÓRIA DE UM MENINO QUE TEVE A CORAGEM DE SONHAR. UM GAROTO QUE QUIS SER PELÉ PARA TER COISAS SIMPLES: CASA, CAMA LIMPA, ROUPAS DECENTES E RESPEITO

POR RAUL QUADROS

Os maus tempos do Cine Nacional já vão longe, mas as recordações são as mais tristes possíveis. As filas extensas começavam na bilheteria da rua Voluntários da Pátria, dobravam a esquina da Real Grandeza e seguiam pela calçada da Confeitaria Bragança. Dos três cinemas de Botafogo, o Nacional era o mais freqüentado.

Quantas vezes um negrinho, cabelo a zero por medida de economia, roupas tão pobres quanto ele próprio, as percorreu na ânsia de conseguir um trocado para inteirar o ingresso? Quantas vezes lhe negaram tudo, até mesmo o doce mais barato na confeitaria?

Todos o tratavam de Pelezinho, como se fossem íntimos — mas lhe negando uma bala, o trocado da entrada.

Alta sociedade

De segunda à sexta-feira, o mesmo negrinho podia ser visto no asfalto da rua Principado de Mônaco — um beco sem saída que começa na Real Grandeza —, a mostrar sua habilidade com uma bola suja de óleo. Domingo, seus companheiros de pelada vestiam as melhores roupas e iam para o cinema — ele queria ir , mas lhe faltava dinheiro. O jeito era pedir. Se conseguia, só saía ao final da segunda sessão, às 18 h. O negrinho tinha apenas 11 anos.

O nome do cinema foi trocado para Bruni-Botafogo. A Confeitaria Bragança já não é tão sofisticada — o próprio bairro mudou muito. Hoje, Pelezinho tem 24 anos. Seus cabelos são grandes, bem cuidados, à black-power, aparados mensalmente nos mais requintados salões do Rio. Suas roupas também mudaram: são feitas sob medida, em lojas caras — Smugler, Modinha ou Maison-42 — ou importadas de Paris e Roma. Os doces negados foram substituídos por refeições nos restaurantes mais caros da zona sul: Nino's, Number One, Antonio's.

Menino arrogante

Treze anos depois, sua vida mudou. O apelido de Pelezinho foi esquecido e, agora, ele é conhecido mundialmente como Paulo César. Da infância amargurada e sofrida, ficaram trauma e medo, que geraram agressividade.

— Um dia, vou ser igual a Pelé.

Era o começo da revolta. Pelezinho começava a ser agressivo para se defender.

A frase foi dita no Natal de 1961. O modesto apartamento do Leblon — para Paulo César um palácio — recebia amigos do técnico Marinho e sua mulher Milta. Fred, o filho do casal, levara alguns amiguinhos, entre eles Pelezinho. Juntos num quarto, eles discutiam em voz alta o resultado de uma pelada. Os adultos, na sala, não prestavam atenção à gritaria. De repente, ao ouvir a frase do menino, Marinho entrou no quarto. Queria saber quem se mostrava tão pretensioso — e os meninos apontaram para Paulo César.

— Não repete isso, menino. Você não sabe o que está dizendo. Vai com calma.

Para espanto de Marinho, pela segunda vez a frase arrogante: — Vou ser igual a Pelé, sim. Sei jogar bola. Pergunta pra eles.

Uma cruel lição

Os companheiros apoiaram Paulo César. Marinho voltou a conversar com os adultos. A festa continuou noite adentro e os convidados de Fred começaram a ir embora, à medida que seus pais apareciam. Pelezinho foi ficando. Quando só restava ele, Marinho, preocupado, perguntou quem iria levá-lo para casa.

— Vou dormir aqui. Quero morar aqui.

Outra arrogância. Marinho ia dizer não, quando dona Milta interrompeu, achando que já era tarde. Paulo César ficou uma semana, um mês. Até que Marinho resolveu levá-lo para casa, na rua Real Grandeza. Marinho conversou com a mãe de Paulo César, uma lavadeira. Ele não queria ficar, chorou — mas teve de ficar. Dias depois, apareceu novamente no apartamento do Leblon. E começou a morar com o casal e a ser tratado como filho.

— Um dia tive de ir para a Colômbia. Levei minha mulher e o Fred, Paulo César teve que voltar para a mãe. Mas Fred não vivia bem sem ele. Resultado: comprei uma passagem e mandei buscar o menino. Lá, os dois começaram a vida no futebol.

Antes disso, entretanto, Paulo sofreu sua primeira decepção com o futebol. Com 13 anos e ao lado de vários garotos, foi jogar futebol de salão no Fluminense. Treinava e jogava sempre bem. Era adorado pelos companheiros, que, com um mês de clube, já haviam recebido suas carteiras de sócio-atletas. Menos ele. Criança, não percebia nada.

— Um dia, um diretor disse que, pelas normas do clube, eu não podia ficar, que nunca receberia minha carteirinha. Que estavam esperando que eu mesmo tomasse a iniciativa de ir embora. Nunca mais voltei ao Fluminense. Chorei muito.

Era o primeiro trauma. Mais tarde viriam outros. Não tão graves como o que aconteceu em Bagé, no clube dito mais fi-

Paulo César, entortando os tricolores no Maracanã: velocidade, dribles desconcertantes e a malandragem que o fazia ser amado e odiado

no da cidade gaúcha. Paulo César já estava no Botafogo e o time misto foi jogar lá. Depois da partida, os jogadores foram convidados para um jantar nas dependências do tal clube. A advertência: só os jogadores brancos podiam comparecer.

Medo dos cartolas

Aos 18 anos, já marcado por tantos problemas, veio o medo das pessoas, principalmente dos dirigentes. Paulo César treinava e participava bem de amistosos. Viera do Flamengo, onde Flávio Costa entendera ser um absurdo o clube pagar uma operação de garganta de um juvenil e mandara dispensá-lo. O Botafogo o acolheu, tratou dele, certo de seu valor.

Em 1967, ele foi incluído numa delegação que viajaria para o exterior. Marinho, prudente, pediu ao então presidente Nei Cidade Palmeiro uma carta com a promessa de que, se Paulo aprovasse, o clube lhe pagaria luvas de Cr$ 100 000 pelo primeiro contrato — ele era amador.

— Aprovei e voltei certo de que eles cumpririam a promessa. O Botafogo quis que eu assinasse por Cr$ 35 000. Entrei na Justiça, brigamos cinco meses. Eu perdi por 3 votos a 1. Os juízes entenderam que onde estava escrito "ciente" (logo abaixo vinha a assinatura de meu pai, Marinho Rodrigues), deveria estar escrito "de acordo". Comecei a ter medo dos dirigentes, mas assinei. Agiram de má fé, mas a resposta eu dei em campo. E logo depois.

(Deu mesmo. Contrato assinado, Paulo César pisou o gramado do Maracanã, onde o Botafogo iria disputar com o América o título da Taça Guanabara de 1967. Com cinco minutos de jogo, Jairzinho foi expulso. Um minuto depois, Paulo César abria a contagem. O tempo regulamentar acabou 2 x 2. Na prorrogação, Paulo César fez seu terceiro gol no jogo — o do título.)

O sonho espanhol

Convicto de que todos querem menosprezá-lo, ele garante que "antes de ser agredido procura agredir qualquer um".

— Só me recebem nos lugares porque sou o Paulo César do Flamengo e da Seleção. Se não fosse, nem me deixavam entrar no Municipal. Entro porque sabem que tenho dinheiro. O que me revolta é olhar para os lados e não ver um único negro. Se houver, é jogador ou artista. E, se sou visto, dizem logo que quero aparecer.

Nas duas viagens que fez recentemente à Europa — para o jogo de Eusébio e para a comemoração do Dia do Futebol —, Paulo César mostrou interesse em jogar na Espanha. Diz que, em Barcelona, conversou com o filho do presidente do Atlético de Madrid e ficou acertado que, ao fim de seu contrato com o Flamengo e depois da Copa da Alemanha, seu futebol pode fazer a alegria do clube madrilenho.

— Sei que até 1 milhão de dólares o Atlético paga. Ou melhor, o filho do presidente diz que paga. Sei lá — dirigente é dirigente, aqui ou do outro lado do Atlântico.

Paulo César sabe que muitos o odeiam e, pior. Ele não liga nem um pouco para tal ódio. Já foi o tempo em que ele se preocupava com o que diziam a seu respeito. Realmente, o tempo do Cine Nacional, dos filmes de Tarzã, dos tostões implorados, das balas negadas — esse tempo é passado. Será mesmo? Nem tanto: dele ficaram os traumas, o medo — e um pouco de arrogância.

O meia se tornou uma verdadeira instituição rubro-negra. Jogou na Gávea de 1976 a 1987, conquistou todos os títulos importantes do clube (Mundial, Libertadores, Brasileiro e Carioca) e, ainda assim, viveu anos à sombra dos companheiros. Condutor de bola com rara categoria, Adílio era um craque.

RODOLPHO MACHADO

"Esse menino aí merece tudo. O Adílio é um garoto jóia, uma flor de rapaz", disse Zico

Irmão Adílio, ele mesmo

TUDO O QUE GANHA É PENSANDO NOS TRÊS IRMÃOS MENORES; TUDO QUE FAZ É PENSANDO NO CONSELHO DA FALECIDA MÃE: "SEJA VOCÊ MESMO, MEU FILHO"

POR MAURÍCIO AZÊDO

No vestiário deserto (Cláudio Coutinho só o abre após os jogos, quando boa parte dos jogadores está pronta para ir embora), há poucas testemunhas quando Adílio recebe um rádio como prêmio de melhor em campo. Autor dos dois últimos gols de Flamengo 3 x 0 Americano, é de uma modéstia realmente sincera. Ao microfone, diz que está começando e por isso se empenha muito nos treinos.

Uma dessas raras testemunhas é Zico, o último a deixar o vestiário. Assim que Adílio se afasta a passo lento, as pernas ligeiramente arqueadas, calça jeans, blusa estampada de algodão simples, a caixa de papelão com o rádio sob o braço, Zico ainda faz uma brincadeira com o companheiro ("Vê se compra um carro, ô cara"). Depois, em voz baixa, faz o elogio de Adílio:

— Esse menino aí merece tudo, é um garoto jóia. Sofreu muito: perdeu um irmão, a mãe, teve de tomar conta dos irmãos menores. Ele lavava e cozinhava para os garotinhos. É uma flor de rapaz.

Como a maioria das poucas coisas que já conseguiu na vida, também deste rádio Adílio não vai desfrutar como coisa pessoal. O rádio ficará no Fusquinha 68 que ele comprou de segunda mão, "na moleza", como diz, rindo, pensando mais no irmão do que em si próprio. Adílio não tem carteira, não pensa em dirigir carro, e aliás não precisa: ele vai e volta a pé do campo do Flamengo, a poucos quarteirões de sua casa, uma kitchenette onde vive com o irmão casado e a cunhada. Quem usa o carro é o irmão, porque a rotina de Adílio não exige muito: é de casa para o clube, de casa para o Colégio Estadual Manuel Bandeira, onde cursa o 2º ano científico, de casa para a concentração do Flamengo.

A kitchenette fica na Cruzada São Sebastião, um conjunto residencial construído em 1955 por dom Hélder Câmara, então bispo-auxiliar do Rio, para receber em condições dignas a população das favelas da Zona Sul. Ao lançar esse programa, dom Hélder acreditava que até seu IV Centenário, em 1965, o Rio não teria mais favelas. O tempo passou, dom Hélder saiu do Rio, os dez blocos de sete andares da Cruzada São Sebastião ficaram como exemplo solitário de uma idéia generosa: uma semente que deu apenas um fruto. Com os anos, o conjunto adquiriu as marcas de seu abandono e um estigma: na paisagem de prosperidade da Zona Sul do Rio, com seus edifícios confortáveis, esse núcleo de 910 famílias e 6 500 pessoas é uma ilha de pobreza.

Adílio nasceu ali, em 1956, quando o conjunto ainda era novinho e o Leblon não havia sido tomado pela massa de edifícios. Como outros garotos, entre eles Rui Rei, hoje na Ponte Preta de Campinas, Adílio partiu dali para a aventura do futebol. Terceiro de seis irmãos, era um negrinho magro e sestroso que, com 7 anos, conseguiu chamar a atenção, exibindo a camisa 7, mesmo no dia em que seu time de pelada, o Sete de Setembro, sofreu uma goleada de 5 x 0. Um técnico da escolinha do Flamengo, o professor Humberto, viu que ele levava jeito, estimulou-o, quis que ele ficasse treinando. Adílio ficou na esco-

linha, mas não por muito tempo: um belo dia o professor Humberto precisou viajar para os EUA, a fim de se tratar, e parou seu trabalho com a garotada.

Mas o pequeno Adílio já tinha encontrado sua vocação. Começou a jogar futebol de praia pelo Royal, time famoso nas competições de areia do Leblon, onde despertava admiração a surpreendente maestria daquele guri de 8 anos, com sua classe no drible, a visão de jogo, o poder de comando. E depois que ele estreou no dente-de-leite do Flamengo, em 1968, não foi difícil para a torcida rubro-negra fixar a imagem e o nome do menino que sabia tratar a bola com tanta intimidade. Adílio já não se lembra disso, mas naquele ano ele foi carregado em triunfo no dia em que o dente-de-leite do Flamengo, sob a batuta do líder precoce, ganhou no Maracanã superlotado uma competição com a participação de vários clubes.

Para o menino magrinho e pobre, o Flamengo era um imenso mundo a explorar. Antes de se fixar no futebol, Adílio participou de competições de arco-e-flecha, fez incursões também na área da ginástica: o esporte, qualquer que fosse, era uma forma de superação de barreiras. E, no futebol, a caminhada não se fazia sem grande esforço: antes de alcançar o juvenil, ainda na escolinha de dentes-de-leite, ele teve de correr muito e fazer exercícios de barra na praia do Arpoador.

— Na escolinha, o regime era muito puxado — conta Adílio. — O professor, seu José Nogueira, era um homem durão, que fazia questão de testar a nossa força de vontade e a nossa disciplina. Se ele marcava um treino para as oito da manhã, a gente tinha de chegar às sete e meia. Eu me lembro que fiquei dois meses indo à escolinha sem participar de nada, até que um dia ele me explicou por que fazia isso: queria ver se eu tinha mesmo força de vontade. Pouco depois seu Nogueira foi para o Botafogo, mas morreu muito cedo.

No Flamengo, Adílio assistiu à ascensão de uma bela geração de jogadores. No time bicampeão de juvenis em 72/73 figuravam Zico, Geraldo Assobiador, Rui Rei, Rondinelli. Antes de passar a titular do juvenil, Adílio figura no banco, como reserva dos diferentes times que o Flamengo vai formando. Um de seus companheiros de banco é o goleiro Cantarelli, que serve o Exército na mesma época e tem de dividir suas atividades no clube com as obrigações de recruta.

— Esse pessoal... Todo é muito jóia — diz Adílio enquanto caminha pela rua fronteira à Cruzada, onde os garotos o saúdam como craque e vizinho. — Quando a gente começa junto fica pensando como vai ser depois a vida de cada um e se o sucesso não vai criar distância entre a gente.

Os caminhos foram diferentes. Muitos deram um salto na vida: firmaram bons contratos, ganharam luvas, passaram a receber altos salários. E vieram os carrões, as roupas incrementadas, a mudança de hábitos de consumo. Após sair do juvenil, onde ganhava 2 500 cru-

"Fiquei dois meses indo à escolinha sem participar de nada. Um dia ele me explicou que queria ver se eu tinha força de vontade"

ADÍLIO, SOBRE SEU TÉCNICO NO DENTE-DE-LEITE

zeiros, e se profissionalizar com salário mensal de 10 mil, Adílio não se deixou dominar pela mesma vertigem. Continua a morar na Cruzada, não dissipa dinheiro em roupas e aparências exteriores, não modificou seu modo de vida. O máximo que se permitiu foi uma TV em cores, com uma posição dominante na pequena sala da kitchenette, mobiliada com conforto, mas sem ostentação, e um equipamento de som, para curtir um Martinho da Vila, um Jorge Ben, um Roberto Carlos, um James Brown. E seus companheiros continuam a ser os ami-

Adílio vai para a galera: o "neguinho bom de bola" estrelou duas gerações de craques flamenguistas

gos da infância e adolescência: é com eles que vai para as domingueiras musicais, não na discoteca New York City, o centro da moda, mas nos serões dançantes de um clube de bairro.

— Se eu der sorte de ganhar algum dinheirinho no futebol, quero é trazer meus três irmãos que vivem com meu padrasto, em Baltasar, uma localidade muito pobre de Santo Antônio de Pádua, no interior fluminense.

Adílio não via esses irmãos havia um ano: Alexandre, de 6 anos, Ivã, de 10, e Sebastião, de 15. O reencontro emocionou-o, porque avivou a lembrança do trauma familiar que todos viveram: o irmão mais velho, Paulo Roberto, de 24 anos, morreu assassinado durante um assalto, quando saía de um cinema com a mulher. Paulo Roberto trabalhava como trocador de ônibus e desde cedo fora um dos arrimos da família. A morte levou a mãe à consumação: abalada pela tragédia que envolveu o filho, dona Laíde, a partir de então, nunca mais foi a mesma. E se consumiu tanto com essa dor que aos 42 anos teve um derrame cerebral que a levou à morte.

Dona Laíde transmitiu a Adílio grande devoção católica. Por isso, ele divide as horas de ócio entre a TV, vendo desenhos ("Sou gamado em desenhos"), e a leitura de obras sobre cristianismo, como as de Neimar de Barros, um divulgador do pensamento católico.

— O Adílio é um rapaz muito simples, um atleta sem vaidades e que graças a seu esforço pessoal tem sido bem-sucedido na profissão que escolheu — diz padre Bruno, que exerce seu sacerdócio junto à Cruzada São Sebastião com grande facilidade de relacionamento, pois 10 de seus 49 anos foram dedicados ao Presídio Hélio Gomes, do qual ainda é capelão.

Adílio diz que ainda tem de aprender muito. Concorda com as observações que Cláudio Coutinho faz sobre seu rendimento atual e suas possibilidades.

— Adílio — diz o técnico — é um jogador em ascensão, que pode render muito mais se melhorar a capacidade de chute, principalmente com a perna esquerda, e a impulsão para as cabeçadas. Faço fé nele.

Como bom cristão, Adílio se dispõe a resistir às tentações. Porque sua simplicidade, seu despojamento correspondem a um conselho da mãe que ele jamais esquece:

— Seja você mesmo, meu filho, que você assim irá longe.

Difícil acreditar que uma prosaica – e malsucedida – operação de amídalas tenha abreviado a carreira de uma das maiores promessas rubro-negras do início dos anos 70. Para muitos, Geraldo era melhor que Zico. Driblou quase tudo na vida, da infância pobre aos adversários. Só não driblou o destino.

Geraldo, em jogo contra o Fluminense: provar que era craque foi tão difícil como superar a imagem de moleque complicado

A ascensão do menino pobre

DOS CAMPINHOS DE TERRA DE BARÃO DE COCAIS ATÉ A SELEÇÃO CARIOCA, SUA CARREIRA NO FLA FOI CHEIA DE ALTOS, BAIXOS, BOATOS E UM FUTEBOL BRILHANTE

POR LUIZ AUGUSTO CHABASSUS

Bons eram os seus tempos de garoto. Onze anos, preocupação quase nenhuma, sua vida se resumia aos banhos num rio que cortava a pequena Barão de Cocais, cidadezinha próxima a Belo Horizonte. Depois do banho, ele e os amigos corriam para a igreja, onde assistiam à missa e comungavam – e isso valia, de prêmio, a autorização para jogar uma pelada no campo do padre Eurílio, "campinho de terra dura, mas com traves de verdade". À noite, o programa era ficar na pracinha principal ouvindo Roberto Carlos mandar todo mundo para o inferno através dos alto-falantes da rádio.

Só que, de vez em quando, apareciam problemas na cabeça daquele menino alto e magro, um dos dez filhos de um funcionário público aposentado. Cinema era coisa que ele não conhecia: o dinheiro não dava e ele se limitava a apreciar os cartazes anunciando John Wayne ou Audie Murphy matando bandidos. As botinhas, tão em moda na época em que os Carlos – Roberto e Erasmo – lançavam a linha Calhambeque na TV, não passavam de sonho. Roupa nova só era possível quando um dos irmãos mais velhos deixasse de usar alguma calça, para que sua mãe, dona Nilza, subisse a bainha.

Isso tudo, talvez, explique algumas atitudes de Geraldo Cleofas Dias Alves, hoje

com 20 anos, finalmente titular de meio-campo do Flamengo, convocado por Mário Travaglini para a Seleção Carioca e elogiado por Osvaldo Brandão, técnico da Seleção Brasileira. As calças "de 500 contos" que comprava na elegante butique Smugler, em Ipanema, são parte de uma mania aposentada. E a fama de marginal que o perseguiu durante um ano e meio desde que deixou de morar na concentração do Flamengo, em 1973, para alugar um apartamento em cima do Cine Veneza, em Botafogo, vai sendo esquecida.

Pão amargo

Como é que Geraldo, morando num confortável apartamento de três quartos no Leblon e andando num Fusquinha bem conservado, encara tudo isso?

— Se vocês imaginassem como eu me sentia quando me chamavam de marginal! Vim para o Rio com 15 anos e comi o pão que o diabo amassou. Cheguei para a escolinha e fiquei morando ali no prédio que o Flamengo tem no Morro da Viúva. Ficava lá, longe da família, ganhando 50 cruzeiros por mês para tomar condução.

Final de 1969: o Brasil se preparava para a Copa do México, e Geraldo sonhando com os milhões de Pelé, Carlos Alberto, Gerson e Paulo César, então com 19 anos. Geraldo se orgulhava de ser seu amigo. Dois de seus irmãos, Lincoln e Washington, um no Bangu e outro no Flamengo, começavam a fazer certo nome no futebol carioca.

— Eu era apenas um garoto e fazia minhas molecagens, embora sonhando muito. A gente pegava o ônibus 410 e ficava nos bancos lá de trás. Aí, quando chegava perto da Gávea, saltávamos pela porta de trás e o cobrador saía correndo. Não era por maldade, era só molecagem.

Com molecagem ou sem, seu futebol começou a aparecer e Geraldo foi promovido ao time juvenil. E, em 1972, já era a maior estrela. Zico não passava, então, de coadjuvante. O nome de Geraldo começava a aparecer nos jornais como uma grande promessa. O dinheiro andava curto, mesmo assim acabaram as brincadeiras de saltar pela porta de trás. E não valia mais a pena continuar na concentração:

— Eu tinha que acordar às sete da manhã para treinar. Aí, a garotada fazia uma zoeira que não tinha tamanho e não me deixava dormir. Um dia, disse-lhes que, se não ficassem quietos, eu quebraria todas as lâmpadas da sala lá da concentração. O barulho continuou e eu fui lá. Quebrei tudo e o porteiro saiu dizendo que eu era bagunceiro, revoltado.

"Se vocês imaginassem como me sentia quando me chamavam de marginal! Vim para o Rio com 15 anos e comi o pão que o diabo amassou"
GERALDO

Para explicar, não foi fácil. Ninguém queria acreditar que Geraldo só queria dormir. Foi necessária a intervenção de amigos para que a situação não se complicasse. Pouco depois, ele se mudava para um apartamento de quarto e sala em Botafogo e recebia novas críticas.

— Só porque aluguei, começaram a espalhar minha fama de mascarado, dizendo que eu me sentia superior aos outros.

Aí Zagalo foi contratado, viu seu futebol e recomendou sua promoção, no final de 73.

— Foi minha salvação, pois já estava desistindo. Briguei com um antigo técnico, que gostava muito de xingar quando a gente errava um passe. Ora, ninguém é obrigado a acertar tudo. Ele me xingou e eu respondi. Resultado: fui encostado.

Grato a Zagalo

E, uma vez encostado, Geraldo pensou em parar. Chegava à Gávea às 7h30 da manhã, esperava sua vez de treinar até quase 10 horas. Aí, o técnico chamava-o, colocava-o no time uns cinco minutos e o dispensava. Mesmo que estivesse treinando muito bem. Sorte que Zagalo um dia chegou na hora exata em que ele entrava em campo. Começou a observá-lo e estranhou quando saiu. Chamou-o, conversaram e, no dia seguinte, lá estava Geraldo treinando entre os profissionais.

FERNANDO PIMENTEL

— Nessa época, o Zico já havia se firmado e eu também sentia que estava bem. Só que entrava num dia, me apresentava bem e era afastado no jogo seguinte. Se eu estivesse fazendo alguma coisa errada, deviam me falar. Mas ninguém ligou.

E Geraldo aumentou sua insegurança. Isso se refletiu dentro do campo e ele passou a alternar boas e más partidas.

— Foi então que passei a conhecer melhor nosso médico, Dr. Taranto. Ninguém me ajudou tanto quanto ele. De vez em quando estava duro e ele me emprestava um dinheiro. Foi ele também quem me aconselhou a trazer a família para o Rio.

Bastou a família — pai, mãe e duas irmãs menores — vir para o Rio e tudo melhorou. Mudou-se de Botafogo para um apartamento no Leblon, pago pelo clube, e em pouco tempo seu futebol voltou a brilhar. Na fase final do Carioca de 1974, Geraldo foi um dos grandes destaques.

Na Seleção

Depois de uma grande atuação sua contra o Internacional, Geraldo foi convocado por Travaglini para a Seleção Carioca que jogaria contra a Paulista. Entrou apenas 15 minutos, o suficiente para que seu futebol merecesse elogios de Osvaldo Brandão, técnico das Seleções Paulista e Brasileira. E, para Geraldo, essa convocação saiu na hora certa. Chegou a hora de conseguir algum dinheiro para começar a garantir o futuro.

— Meu salário é de 4 500 cruzeiros por mês, mais 2 500 para o aluguel. Juntando os bichos, já deu para comprar um Fusquinha. Nunca fui de complicar; no contrato passado pedi mais e disseram que não dava. Que é que eu podia fazer? Aceitei.

Ele diz que desta vez também não vai criar problemas para a renovação. Só quer alguma melhora. Um dinheirinho na mão para dar entrada num apartamento, talvez. Atualmente vivendo com os pais e as irmãs, longe das farras e cada dia mais distante da imagem de farrista e mascarado, ele se prepara para enfrentar o futuro. Tem uma namoradinha carioca e diz que, daqui a dois anos, talvez se case. ○

Andrade 1978

Não se fazem mais jogadores como Jorge Luiz Andrade da Silva. Primeiro, pela permanência no clube: o volante jogou no rubro-negro de 1977 a 1988. Segundo que, na sua posição, hoje são necessários – no mínimo – dois jogadores. O ídolo não dava pontapé e ainda organizava o ataque.

"Lembro da chegada no Rio. Os edifícios grandes me davam arrepio. Eu evitava passar por perto"

O volante Andrade, clássico e vibrante: ganhou tudo o que pôde pelo Mengão

RODOLPHO MACHADO

Vencendo o jogo da vida

A INFÂNCIA FOI DURA: PAIS SEPARADOS, SALÁRIO DE FOME PARA ENTREGAR MARMITAS. AGORA É A HORA DE DESCONTAR JOGANDO BOLA E VIRANDO ÍDOLO RUBRO-NEGRO

POR MARCELO REZENDE

A voz rouca, quase inaudível, é apenas uma atitude de autodefesa. As informações saem receosas, sempre com o pedido de amenizar o que se escreve. É que Andrade, um dos craques do Flamengo, que aos poucos vai se afirmando entre os melhores, aprendeu desde cedo o que é sofrer, sofrer muito.

Nove anos atrás, o menino Andrade, então com 12 anos, percorria descalço as ruas de Juiz de Fora para entregar marmitas. Sonhava com o dia de ser homem, sonho sempre interrompido pelo choro convulso do menino que acabara de ver os pais se separarem.

Andrade estava só no mundo — ou melhor, acompanhado de dona Zelina, sua mãe, lavadeira, e mais dois irmãos e três irmãs. E o menino Jorge Luiz Andrade da Silva nem mesmo podia desfrutar os prazeres dos garotos de sua idade — os 120 cruzeiros por mês, que ganhava entregando marmitas, não podiam ser gastos com álbum de figurinhas, pipas ou balas. Eram entregues, inteirinhos, à mãe. Seu único prazer se resumia às peladas com a camisa do Vila Branca, time de um bairro pobre de Juiz de Fora. Mas a pelada, a simples pelada de todos os garotos, para ele era questão de sobrevivência. É que Andrade recebia, em cada partida, 100 cruzeiros do seu Onofre, dono de um restaurante e fã de seu futebol.

Porém, esse esforço todo, aliado ao da mãe e ao do irmão mais velho Nélson, um ponta-esquerda mais rápido no trabalho com os couros de sapato, não evitaram a maior frustração de sua vida: o despejo da casinha de dois quartos no bairro operário de Monte Castelo. Sem ter como pagar o aluguel, o dinheiro mal dando para comer, dona Zelina e seus seis filhos foram morar de favor na casa de Manuelina, sua amiga, e, naquele instante, única salvação. Isso durante um mês, até conseguirem uma nova casinha, mais apertada, também em Monte Castelo. Ilusão de poucos meses: o despejo bateu mais uma vez à sua porta.

Andrade lembra aos poucos sua história, sofre ao contá-la. A voz fica rouca, mas não esconde um orgulho:

— Nunca deixei de estudar. Só parei quando fui jogar na Venezuela. Estou no 2.º ano de Contabilidade.

Estudava com afinco, sempre com livros emprestados. Até que, através do futebol, surgiu a oportunidade de ir para o Rio. Mas a mãe não deixou nem ele nem o irmão se transferirem para o Manufatura, de Niterói.

O garoto continuou com suas marmitas até os 17 anos, quando surgiu nova chance — a de treinar no Flamengo. Com mais três garotos, Andrade treinou e pela primeira vez teve um pouco de sorte: foi o único aproveitado.

— Lembro da chegada no Rio. Os edifícios grandes me davam arrepio. Eu evitava passar por perto.

O mineiro não saiu da concentração do Flamengo, em São Conrado, durante três meses. Ia apenas ao treino. Júlio César, seu companheiro de clube, recorda:

— A gente encarnava nele porque nunca tirava as calças. Tinha vergonha de ficar de short. Andrade emenda:

— Eu tinha medo mesmo era de bandido mascarado.

Um pouco da infância e da adolescência de Andrade. Hoje, um homem que gosta de ler sobre futebol, que sonha em dar uma casa para a mãe com os 18 mil mensais que ganha no Flamengo. E que adora cinema — o melhor filme que viu foi sobre o atentado terrorista nas Olimpíadas de Munique. Até hoje, tem gravadas aquelas cenas na cabeça:

— Aquilo sim, é sofrer.

Destaque da Seleção no Pan-Americano de 1975 e no Pré-Olímpico de 1976, a fera havia ficado acuada por um ano devido a uma fratura. A dúvida de que seria o mesmo de antes perturbou o presidente Márcio Braga, que, só pelo pedido de Coutinho, o contratou. Adão seria titular na campanha do tri Carioca.

Recordar é viver

FOTOS IGNÁCIO FERREIRA

O centroavante simula um golpe de boxe: ele foi o matador que Cláudio Coutinho tanto exigiu

POR SABER DISSO, ELE TRATOU DE ESQUECER A PERNA QUEBRADA E O ANO QUE PASSOU PARADO. AGORA, SE FIXA APENAS NA NECESSIDADE DE VIVER O PRESENTE

POR RAUL QUADROS

Peito estufado, andar balanceado, passos gingados, ele passa diante de Coutinho, que o observa cuidadosamente, até que desaparece pela porta do vestiário.

— Este cara tem mesmo alguma coisa de Pelé. Sei lá, talvez a maneira de caminhar, a forma de parar. Que tem, tem. Agora, dentro de campo, ele tem quase tudo do Negão: o drible curto, a impulsão para cabecear, a testada na bola com os olhos abertos.

Coutinho não consegue esconder a empolgação quando fala de Cláudio Adão. Afinal, foi ele quem pediu, insistiu com o presidente Márcio Braga que comprasse o passe do atacante. Que Cláudio Adão é um belo jogador, um artilheiro, com manhas, malícias e técnicas apuradas, isso ninguém discute. Só que, quando Coutinho insistiu na contratação, ele se recuperava de séria fratura no pé esquerdo.

O técnico sabia o que pedia, e principalmente quem pedia. Seus amigos Carlesso, Camerino e outros oficiais da Escola de Educação Física do Exército, naturalmente, forneciam-lhe informações sobre o processo de recuperação de Cláudio Adão. E Coutinho, que viu seu futebol no Pan-Americano de 1975 e no Pré-Olímpico de 1976, não tinha dúvidas de que o atacante, em breve, voltaria às manchetes.

— Ele é sensacional, bate bem com os dois pés. Por enquanto, o chute com o pé esquerdo ainda sai fraco. É natural. Afinal, ainda não está 100%. Confiança total na perna esquerda só recuperará dentro de dois, três meses de atividade. Hoje, Cláudio joga 60% do que mostrou no Pan-Americano.

Em 1975, Cláudio encheu os olhos do então supervisor da CBD Cláudio Coutinho. Com Erivelto — do Fluminense, emprestado ao Cruzeiro — ele formou uma incrível dupla de área, foi o artilheiro do

Pan-Americano, com 11 gols. Jogou tanto que imediatamente o América do México ofereceu 300 mil dólares (4,5 milhões de cruzeiros) por seu passe, pagamento à vista. O Santos recusou.

— Ele também foi o jogador mais destacado do time no Pré-Olímpico, pois se mexe bem tanto na frente como atrás. É que, depois de seu sucesso no Pan-Americano, nossos adversários passaram a marcá-lo rigidamente. Numa manobra tática, eu inverti as funções de Adão e Erivelto, que passou a atuar mais à frente. O resultado está aí para quem quiser conferir: o Erivelto foi o artilheiro, aproveitando lançamentos do Cláudio Adão, passes que o deixavam na cara do goleiro.

Foi um susto

Cláudio Adão retorna do vestiário, já uniformizado para o treino. Nos tornozelos e pulso esquerdo, fitas do Senhor do Bonfim. Manifestação natural num jovem que, em plena euforia, viu sua carreira no futebol ameaçada, quando no dia 2 de maio de 1976 fraturou a perna. Então, ele parecia disposto a confirmar todos os elogios que começara a receber em 1973, quando se tornou titular do Santos — e não faltaram os que o apontaram como substituto de Pelé.

— Já superei todos os problemas relacionados com a contusão. Nem gosto de falar nisso.

Fala rapidamente, corre pela pista até o campo — o médico Célio Cotecchia observa cuidadosamente.

— Foi um susto sem tamanho no último Fla-Flu. Uma jogada bem em frente de nosso túnel, ele tentou um drible de corpo no Luis Carlos e caiu aos gritos. Dei um pique de fazer inveja a qualquer menino. Felizmente foi uma torção. Forte, sim, mas uma simples torção. E foi ótimo que tenha acontecido, porque provou a todos que Adão está recuperado. Quanto ao problema de atrofia, ele não existe, nem mesmo de um único centímetro.

E a bota de esparadrapo que Cláudio usaria nos treinos?

— De jeito algum. Nos treinos, ele protege os pés como todos: com ataduras. Nos jogos, sim. Fazemos uma bota de esparadrapo, para lhe dar maior consistência ao pisar, correr e chutar.

Célio Cotecchia desmente também que o Flamengo tenha contratado um analista para o atacante. Explica que, inicialmente, Cláudio Adão se mostrava preocupado

Cláudio Adão e o soco no ar: semelhança com o "Rei" não era apenas mera coincidência

com o pé esquerdo, mas que hoje está livre disso, conforme já provou em vários jogos.

— Quando ele entrou, o time começava uma boa fase. Isso o ajudou muito. Houve trabalho psicológico sim, mas nós mesmos o fizemos, aqui na Gávea. Todos nós, sem exceção, conversamos com ele diariamente sobre a fratura. Hoje, o Cláudio é um jogador inteiramente recuperado. Falo em termos clínicos, psicológicos e físicos, porque acompanho seus treinamentos.

O supervisor Dante Rocha escuta atentamente cada palavra do médico e levanta alguns detalhes sobre Cláudio Adão:

— Ele nasceu para jogar bola, vê, antevê cada jogada. Coisa de craque, de um fora-de-série. É muito inteligente, mas nem

"Este cara tem mesmo alguma coisa de Pelé. Sei lá, talvez a maneira de caminhar, a forma de parar. Que tem, tem"

CLÁUDIO COUTINHO, ENTÃO TÉCNICO DO FLAMENGO

precisava de tanta inteligência. Há jogadores que nascem para o futebol — e isso é quase tudo. Quando têm ainda inteligência, aí fica difícil — para os adversários. Cláudio Adão é um problema para os beques. Ele não tem grilos na cuca, como algumas pessoas insistem em dizer. Confundem autodefesa — necessária a qualquer jogador — com problemas de cuca. Conheço muito bem a situação dele, do jogador que vem de uma contusão séria. No Botafogo, aconteceu o mesmo com Nílson Andrade, que fraturou tíbia e perônio e ainda rompeu os ligamentos da articulação do pé direito. Coisa pior do que aconteceu com Cláudio. Hoje, Nílson está aí, bonzinho. Seu grande momento foi contra o Grêmio, a primeira partida após a fratura. Houve um empate de 1 x 1, Nílson marcou o gol do Botafogo. Depois, ficou uns cinco minutos alheio ao jogo, chorando e comemorando a recuperação.

Um bom exemplo

Dante Rocha explica que, duas vezes por semana, Cláudio Adão corre três mil metros na areia fofa da praia do Pepino, exatamente para forçar o pé esquerdo.

O treino chega ao fim, Cláudio corre para o vestiário, o auxiliar-técnico Jaime Valente comenta o desempenho dele na recreação com bola. Todos os que o observaram não escondem a satisfação. Principalmente Coutinho.

— Quando soube que ele havia quebrado a perna, comentei que seria difícil ganharmos as Olimpíadas. Naquela altura, Zizinho deixara o cargo e eu o substituía. Só podia lamentar a ausência de Cláudio. Não errei: ficamos em quarto lugar. O Cláudio nos fez muita falta. A dupla com Erivelto era fantástica. Agora, só faço uma restrição técnica ao Cláudio: ele precisa chutar mais com o pé esquerdo, o da contusão. Aí, saiam da frente que o Flamengo vem quente. Acho, inclusive, que ele estourou definitivamente no Fla-Flu. Os gols que fez, numa confusão na área e, o outro, num chute de longa distância, com uma visão e consciência incríveis, foram fundamentais para defini-lo novamente como grande jogador. Sinceramente, ele tem muita coisa do Negão. E isso é ótimo, não?

Cláudio Adão deixa o vestiário, a noite já caiu. Antes de voltar à concentração do clube, onde mora provisoriamente até que encontre um apartamento próximo à Gávea, senta-se no restaurante, pede um refrigerante, fala de Pelé.

— Eu tinha uns 13 anos, morava na concentração do Santos. Sempre que ia treinar ou fazer filmes promocionais, ele chamava a mim e a outros garotos para participarmos, com ele, do bate-bola. Eu prestava atenção a tudo: como ele cobrava faltas, como dava um drible, como cabeceava. Ficava de olho nele. A gente na vida tem de aprender o que é bom. E o Crioulo só fazia coisas boas. De bola, sempre soube tudo. Quebrei o pé, recuperei-me, estou aí novamente. Gosto do futebol do Rio, mais cadenciado do que o de São Paulo, mais à base de força. Dentro de campo, meu entendimento com Zico, Carpegiani e Adílio é muito bom, e vai melhorar. Fora de campo, dou-me bem com todo mundo. ○

Cláudio Coutinho 1979

Estudioso, inovador, ele formou o embrião do time que conquistou o Brasil, a América do Sul e depois o mundo, além de ter comandado a Seleção Brasileira na Copa de 78. A morte trágica, num acidente, no fundo do mar, abreviou uma carreira que se iniciava brilhante.

Comandando o time, do banco: ele formou o melhor Fla de todos os tempos

As confissões de Claudio Coutinho

DESDE CRIANÇA, ELE SEMPRE TEVE DUAS FACILIDADES: APRENDER LÍNGUAS E PRATICAR ESPORTES. NO FUTEBOL, NUNCA SE DEU BEM COMO JOGADOR. E ACABOU SENDO TÉCNICO POR MARCELO REZENDE

Sentado na apertada e mal-iluminada sala de treinadores do Flamengo, Coutinho termina mais um dia de trabalho intenso. Deu 53 autógrafos e oito entrevistas — prova incontestável de sua atual popularidade. Está exausto. O suor no rosto não esconde a testa vincada, as rugas da preocupação. Nos cabelos, sempre impecavelmente penteados, começam a despontar alguns poucos fios brancos. São os primeiros sinais de uma profissão extremamente desgastante. Quarenta anos de idade (nasceu em 5 de janeiro de 1939), natural de Dom Pedrito, Rio Grande do Sul, Cláudio Pecego de Moraes Coutinho entrou para o futebol em 1969 a convite de João Havelange. Na época um talentoso capitão do Exército, hoje é sem dúvida o técnico de maior prestígio do futebol brasileiro — situação bem diferente da que vivia há um ano.

De fato, a Copa do Mundo marcou um dos mais críticos períodos de sua carreira. Coutinho foi acusado de tudo — até de covarde. Seu relacionamento com a imprensa andou seriamente abalado.

Hoje, sempre que solicitado por repórteres, não se nega a comentários sobre futebol, mas pouco fala de sua vida, não dá entrevistas em casa e, quando pode, se esconde em Angra dos Reis fazendo caça submarina. E mais: para preservar sua intimidade, já trocou quatro vezes o número de seu telefone.

As concepções básicas do treinador também mudaram. Na entrevista que concedeu a PLACAR, pela primeira vez Coutinho reconheceu seus erros na escalação do Brasil na Copa:

– Hoje, não colocaria Edinho na lateral-esquerda, como também formaria um time mais agressivo que aquele.

Mudou também a filosofia de jogo?

– Também. Com este time do Flamengo, descobri que atacar é muito mais rentável que defender. Talvez esse tenha sido o aspecto mais importante de meu aprendizado depois da Copa.

Talvez o mais importante, mas não o único. Coutinho aprendeu também a delegar poderes. Na Argentina, era tudo – técnico, líder, atração máxima. No Flamengo, fez de Carpegiani, Júnior e Zico os líderes do time. E, sinal dos tempos, na comemoração do bicampeonato, desceu as escadas do túnel discretamente, deixando a festa para os jogadores.

Hoje, um Coutinho mais equilibrado, frio, calculista – virtudes, aliás, que foi cultivando ao longo dos 18 anos de carreira militar. Nem se altera quando dizem que é atentamente observado nos treinos por olhares cobiçosos de lindas garotas. Do alto do seu 1,84 m de altura, 80 quilos, pele bronzeada, ele ri e desconversa:

– Não tenho tempo para observar quem me observa. Sou quarentão, casado e tenho dois lindos filhos, minha vida.

O amor pelo futebol e pela preparação física sempre existiu. Ele defendeu teses em Fontainebleau, França; fez cursos no laboratório de estresse humano da NASA; proferiu conferências em universidades norte-americanas; fez estágios com o professor Kenneth Cooper, nos EUA; acabou introduzindo o teste de Cooper no país.

– Quando vejo esse pessoal correndo na praia, sinto que fiz algo de importante.

Na época praticante de basquete, vôlei, futebol, natação, pólo aquático, tiro, esgrima, salto de pára-quedas, judô, caratê e jiu-jitsu, além de estudante de Administração de Empresas, Coutinho começou a ganhar notoriedade. Estagiou no Botafogo e em 1970 viajou como preparador e supervisor da Seleção tricampeã. Em 1972, foi acusado de autor intelectual do Manifesto de Glasgow, quando a Seleção acusou a imprensa de antipatriótica. Nega a acusação, mas admite que leu e aprovou o documento. Em 1973, passou pelo Vasco e, no ano seguinte, foi com Paulo César e Jairzinho para o Olympique de Marselha.

Daí em diante, sua carreira conheceu um período de grande ascensão. Até culminar com a Copa da Argentina, época de muitos tormentos.

Coutinho, você acha que a imprensa deva trabalhar sob censura?

– A imprensa deve ser livre, mas dentro dos limites que garantam a cada um ter sua apresentação pública verídica. Não fosse assim, a imprensa seria superpoder.

Você adota estratégias para se relacionar com a imprensa?

– Na Seleção, eu aturo a imprensa. É difícil o relacionamento, a maioria tem espírito bairrista. É um contato massacrante. No clube, é normal: às vezes atendo com prazer, mas sempre por rotina. Hoje, sou mais flexível. Até mesmo combino com a imprensa criar expectativa em torno de algum jogo importante. Hoje, os que me criticaram na Copa sentem remorso e não sabem como se desculpar.

As preocupações de Coutinho vão além do futebol. É católico e adepto de Santa Teresinha – casou e batizou os dois filhos (Paulo César e a menina Cláudia, 14 anos) na igreja da santa, em Copacabana. Adora teatro de comédia. Também se interessa por política e não perde o noticiário econômico dos jornais:

– O presidente Figueiredo é sincero. Foi colega de turma de meu sogro (general da reserva César Costa, físico nuclear). Pode ser ainda mais popular do que já é, embora considere difícil ele superar a popularidade de Juscelino ou de Médici.

E a abertura do general Figueiredo?

RODOLPHO MACHADO

"Não tenho tempo para observar quem me observa. Sou quarentão, casado e tenho dois lindos filhos, minha própria vida"
COUTINHO

– Foi programada, como tudo no Exército. Em menor escala, eu programo tudo aqui no Flamengo. Todos os presidentes tiveram participação no processo. Não foi um caminho longo esses 15 anos. E, agora, creio que entramos na linha certa.

Esse é Cláudio Coutinho. Que não tem preconceito racial ("minha filha se casaria com um negro"), que aceita o aborto como livre arbítrio da mulher ("a ela cabe a decisão"), que só bebe socialmente ("um uísque já me mareia"), que só fala com jogador cara a cara, sem nunca mandar recado. Um homem que considera importante a entrada do Brasil no clube atômico ("desde que para fins pacíficos").

Um Coutinho que até programou o futebol como fator de educação de seu filho:

– O futebol me distanciou muito de casa. O filho reclamava, a menina perguntava quando teríamos tempo de conversar. Depois da Copa, arrumei uma solução: levo o Cascão ao jogo, à concentração, ao treino. Estamos sempre juntos. Estou dando a ele a boa educação que recebi. Em vez de ficar ameaçado por essa onda de drogas, o garoto passou a viver a emoção do trabalho e da competição de seu pai.

E a filha? E a esposa?

– Saio muito com elas. Vamos ao teatro, cinema, jantar, passear, nada muito caro. Vamos a Angra dos Reis, onde pratico caça submarina. A menina vai junto.

Jantar em lugares finos, mais ou menos caros, como o Antonio's, badalações no Régine's, Hippopotamus. E como sempre sobra um pouco no fim do mês, Coutinho investe algum em terrenos. Mas não diz quanto ganhou com o futebol.

– Esse é um segredo que não posso revelar. Só interessa a minha família.

Nesse momento toca o telefone. É sua filha pedindo dez entradas para Flamengo e Botafogo. Assim que desliga, Coutinho chama aflito um funcionário do Flamengo. Tinha se esquecido...

– Se chego sem as entradas, ela me mata. A sorte é que minha mulher é muito inteligente (estuda comunicações, "se quiser, será jornalista") e compreensiva. Hoje, ela faz o papel de mãe e pai, em minha ausência. Deu equilíbrio à família.

O telefone toca de novo às 21 horas. É Regina, sua mulher.

Couto – ela diz do outro lado da linha –, é hora do teatro. Estão todos em casa esperando você.

– Está bem, mãezinha. Estou acabando de contar minha vida para um chato. ○

O homem que queria ser Zico. Esse seria o provável e melhor título para a autobiografia do meia que, de 1977 a 1984, se sentiu pouco à vontade com a 7 do Mengão. Versátil, ele só deu o azar de ser contemporâneo do Galinho, mas seu talento, ainda sim, se sobressaiu. Ídolo – e com um futebol moderno.

Raçudo, goleador. E virgem!

ELE SEGUE À RISCA OS DOGMAS DE SUA RELIGIÃO, QUE PROÍBE SEXO ANTES DO CASAMENTO. COM O MESMO FERVOR, APLICA-SE EM CADA PARTIDA QUE DISPUTA

POR ARISTÉLIO ANDRADE

O polivalente Tita agradece à massa rubro-negra: na ponta direita, na esquerda ou no meio, um craque

RODOLPHO MACHADO

Coutinho abriu o precedente no dia em que resolveu efetivar Tita como ponta-direita titular do Flamengo, trocando Reinaldo, o especialista contratado para a posição, por um jogador que se diz ponta-de-lança por natureza e por predileção. A iniciativa do técnico deu força àquele garoto de 21 anos — um sacerdote mórmom que não bebe, não fuma e nem tem vergonha de confessar que é virgem. Pois ele entrou no time, mostrou serviço e, com todos os méritos, foi chamado para a Seleção. Lá, acabaria destronando mais um especialista: Nílton Batata.

Incoerência de Coutinho — afirmaram alguns na época, lembrando que, após a Copa, ele havia renegado para sempre a tese da polivalência que tanto defendera na Argentina. Inteligente, Coutinho se safou dos primeiros ataques com uma explicação que, embora tenha convencido o ponta Reinaldo, cheira a um brilhante sofisma:

— Tita não é só titular da ponta-direita do Flamengo. É titular do time.

Como treinador exclusivo da Seleção, não precisou perder tempo com maiores explicações: Tita se encarregou sozinho de justificar sua escalação. Primeiro, foi aquele gol salvador contra a Argentina, no Maracanã. No jogo com a Bolívia, novamente deixou o seu e saiu de campo com a imagem de pé quente. Duas grandes exibições que lhe garantiram o direito de sair jogando em Buenos Aires, uma prova de fogo para seus nervos e seu futebol. E ele não decepcionou: mostrou muita raça, não se atemorizou com os gritos da torcida e as botinadas dos argentinos, convertendo-se em peça importantíssima no esquema tático da equipe, especialmente após a expulsão de Zico.

Justo Zico, o homem que ele encarou durante muito tempo como seu maior rival na profissão. Quem não se lembra?

Coutinho acenando com a possibilidade de lançá-lo na ponta-direita do Mengão e Tita resistindo. Dizia preferir ser ponta-de-lança reserva a ponta-direita titular. No fundo, alimentava o sonho de tomar o lugar do artilheiro Zico.

Ingenuidade ou muita presunção? Não importa: Tita já está em outra.

— A posição de que realmente gosto e onde me sinto mais à vontade é a do Zico. Mas não dá pra mim. Ali, ele é o melhor jogador do mundo. Se fosse esperar para jogar onde gosto, envelheceria na reserva.

Mudar de idéia — o tempo se incumbiria de provar — foi a decisão mais acertada. Afinal, atuando pela ponta, Tita se tornou titular do Flamengo e da Seleção. Agora, só resta um obstáculo: desfazer a imagem de curinga, tão negativa no futebol brasileiro de hoje.

— No futebol moderno, ninguém tem posição definida. O Keegan entra com a camisa 7 e, no entanto, no ataque joga em todas e ainda ajuda na armação. Aqui no Brasil há uma espécie de estigma contra essa habilidade. Lembro o exemplo do Rodrigues Neto, que jogava em tudo quanto é posição e não era devidamente valorizado. Só superou isso fixando-se na lateral-esquerda. O Lima, do Santos, é outro caso — um jogador de grande utilidade, cujo valor nunca foi realmente reconhecido.

Na verdade, não há motivo para tantos temores. Pois Coutinho não se cansa de elogiar o ecletismo de Tita.

— Ele é um ponta com funções múltiplas. E detalhe: se a jogada é de um verdadeiro ponta, ele sabe realizá-la.

Que ninguém interprete isto como um último elogio do técnico à polivalência. Trata-se, no máximo, de uma nova interpretação da mesma teoria. Coutinho explica que abandonou a prática de escalar um ponta só para reforçar o meio-campo e, eventualmente, aparecer na sua real posição, bem aberto (tipo Dirceu, na Copa de 78). Agora é o contrário: quer um ponta bem aberto que, eventualmente, ajude seus companheiros.

Tita se encaixa como uma luva nesta nova concepção. Nas partidas contra Argentina e Bolívia, ambas no Brasil, mostrou que sabe realizar jogadas de linha de fundo e marcar gols. Em Buenos Aires, foi utilíssimo no trabalho de armação. É certo que pouco apareceu na ponta, mas correu o campo inteiro e cobriu o buraco deixado pela saída de Zico.

Aos 21 anos de idade, tem muito o que aprender. A vantagem é que, com a mesma dedicação que se entrega ao sacerdócio, procura treinar e sanar suas deficiências. Um exemplo: há um ano, mais ou menos, quando ainda não havia se decidido a brigar pela vaga de ponta-direita do Flamengo, ouviu de Zico a seguinte opinião:

— O problema do Tita é que ele prefere jogar para o time. Muitas vezes se confunde: tem chances de marcar mas prefere servir o companheiro. Isso é, antes de mais nada, uma prova de inibição. Aquilo ficou martelando sua cabeça um tempão. De lá para cá, convencido de que Zico estava com a razão, Tita procurou corrigir essa falha e os gols começaram a aparecer.

Hoje, ele é o Tita do Flamengo, o Tita da Seleção. E sonha:

— Ainda vai chegar o dia em que haverá um time com os 11 brincando nas 11. E esse time será imbatível.

Em campo, Tita foi um curinga que, no final das contas, deu certo: seu futebol o levou à Seleção

Foi um dos títulos mais certeiros de PLACAR. Carpegiani estava pendurando as chuteiras e tinha tudo para tornar-se um grande treinador. E assim foi. O que pouca gente esperava é que os resultados aparecessem tão rápido, com as conquistas da Taça Libertadores e do Mundial Interclubes.

O Fla perde um craque e ganha um técnico

O TÉCNICO AINDA É MODESTO BRIA, MAS É EM CARPEGIANI QUE OS JOGADORES CONFIAM. CRAQUE, LÍDER NATO, ELE TEVE BONS MESTRES. AGORA, É HORA DE ENSINAR

POR HIDEKI TAKIZAWA

- *Futebol é resultado imediato. Técnico que pede prazo para acertar time é charlatão, quer ganhar dinheiro no mole.*
- *Jogador macho é o que agüenta cusparada na cara e não reclama, assim evita expulsão e não prejudica o time.*
- *Futebol, hoje, é feito para jogador de cultura. Burro, só se for desses gênios surgidos por milagre dos céus.*
- *Jogador bagaceiro, que gosta de boates e mulheres, tem lugar no meu time, desde que atue em função do grupo, coletivamente. Afinal, quero um time de futebol e não um colégio de padres.*
- *Jogador meu tem de ter personalidade, saber resistir à crítica e nunca dar uma de vedete.*
- *Futebol é simples, sem grandes invenções. Mas, ainda assim, é possível criar novidades.*
- *No futebol não existe zebra. O mais forte só perde quando abusa da auto-suficiência ou se descuida.*
- *Gosto de atacante técnico, craque. Lugar de trombador é dirigindo ônibus.*
- *É bobagem esse negócio de que europeu marca cerrado. Basta o toque de bola para deixá-los na roda.*
- *Isso de dizer que "futebol se decide nas quatro linhas" é besteira. Futebol se ganha, principalmente, quando os jogadores convivem entre si, sem desconfiar um do outro. Assim é que se faz um time campeão.*

Estas são as idéias de um craque que está se aposentando. O futebol clássico, aplicado e solidário de Paulo César Carpegiani está deixando os campos, virando saudade. Mas a paixão pela bola não morrerá. Ao contrário, continuará sendo alimentada — só que, agora, da boca do túnel.

— Sou um ator que a cada dia aparece num papel diferente. Já cumpri o meu de jogador. Agora, começa a novela do técnico Carpegiani.

Um ator cujo maior mérito é saber o momento exato de se retirar de cena:

— As pernas estão ficando cansadas, mas o pior foram as noites mal dormidas e que prejudicaram minhas atuações no segundo turno do campeonato carioca.

Tudo por causa de uma proposta no valor de 30 milhões de cruzeiros para jogar duas temporadas (cerca de 18 meses) no El Shabat, da Arábia Saudita. O Flamengo, sonhando com o tetra, recusou o negócio. Resultado: Carpegiani nem conquistou este título, nem levou a bolada que faria sua independência financeira.

— Foi a partir daí — conta o jogador — que ganhou mais força minha vontade de largar o futebol.

Desde então, Carpegiani se converteu no candidato natural à sucessão de Modesto Bria que, segundo dizem, tem enfrentado sérios problemas de relacionamento com o elenco. Com Carpegiani, isso dificilmente aconteceria. O que, de toda forma, só serve para despertar uma dúvida nos cartolas: será que sua amizade com os jogadores não lhe prejudicaria o trabalho como técnico?

— Olha, não teria medo de barrar um ex-companheiro só porque é meu amigo. Se é meu amigo, há de compreender. Quem não compreender é porque não é meu amigo. E, neste caso, aplique-se a lei do profissionalismo.

Aí está outra faceta de Carpegiani: du-

IGNACIO FERREIRA

No banco do Flamengo, comandando um time de estrelas: sucesso imediato como treinador

Em campo, com a elegância que lhe era peculiar: ele marcava, armava com precisão e criatividade e ainda aparecia na entrada da área para finalizar

rão, inflexível, quando é dono da razão. Esta característica ele herdou de Dino Sani, um dos muitos "mestres" que teve em 11 anos de carreira. Com Coutinho, aprendeu a disciplina, a organização no trabalho. Com Minelli, o sabor do futebol competição, forte. Com Zagalo, a visão tática, a sensibilidade para observar os erros do adversário.

— O que me impressionou em Carpegiani, em 74, é que ele chegou e logo passou a ser o centro de tudo. Era uma extensão minha dentro de campo. Ele vê o jogo como o Gérson, em 70. É uma coisa que não se ensina, que o sujeito traz do berço. (Zagalo)

— Ele tem a vivência do jogador que eu nunca fui. (Cláudio Coutinho)

Vivência que, na opinião do lateral Leandro, é vital num treinador:

— Eu me sinto bem conversando com o Paulo porque o vi jogar. E nós, na verdade, só confiamos em quem já foi craque.

Apoiado e respeitado pelos companheiros, hoje, no Flamengo, Carpegiani é tão ou mais técnico do que o próprio Modesto Bria. Foi ele, por exemplo, quem tomou a iniciativa de alertar Leandro para os perigos de suas constantes, e por vezes desastradas, descidas ao ataque. Leandro ouviu as críticas atentamente, sem se rebelar. Júnior viveu experiência semelhante e, apesar de seu status de craque, se comportou com a mesma humildade:

— Foi naquela decisão da Taça de Ouro, contra o Atlético, no Mineirão. Quando perdi aquela bola que resultou no gol deles, Paulo esperou passar um tempo e me disse: "Júnior, brincar com a bola na frente da nossa área é o mesmo que convidar o assaltante para jantar na nossa casa".

Era o puxão de orelha dado no momento certo e na linguagem que todo jogador entende. Por isso, no elenco do Flamengo, ninguém disfarça o desejo de ver empossado como técnico este craque de 31 anos, heptacampeão gaúcho, tricampeão brasileiro e tricampeão carioca. Um homem rico, dono de muitas propriedades, que cansou de correr atrás de uma bola e, agora, não vê a hora de reviver a experiência que teve aos 10 anos de idade em Erechim, quando dirigia um time de futebol de salão de garotos. Só que, desta vez, sonha muito mais alto:

— Breve, vou formar um time com a solidariedade dos holandeses em 74, com o toque de bola do Flamengo-80 e a força do Inter de 75/76. Assim será o meu Mengão arrasador.

Escolher o melhor perfil de Zico, um craque que reinou 16 anos no Flamengo, em duas passagens, ganhando tudo, foi das tarefas mais difíceis. Optamos por enfocá-lo no auge, no início dos 80, prestes a conquistar o mundo pelo seu clube. Ele simbolizou como ninguém a mística da camisa rubro-negra.

O Zico do cassete!

POR MARCELO REZENDE

ANALISANDO SUAS ATUAÇÕES NUM SOFISTICADO APARELHO DE VÍDEO, ELE DESCOBRIU UM NOVO MODO DE JOGAR: COMBATENDO EM TODOS OS CANTOS DO CAMPO, CRIANDO ESPAÇOS PARA SI

Partindo de quem parte, trata-se de uma atitude, no mínimo, surpreendente. Aos 27 anos de idade, considerado um dos craques mais completos do Brasil, Zico resolveu reaprender a jogar futebol. Decisão que teria tomado, segundo alguns, depois de atingido por alguns comentários críticos de Telê Santana. Zico, porém, contesta a versão. Diz que, muito antes disso, ele próprio já havia percebido algumas deficiências em seu modo de jogar.

Com quem está a verdade? Pouco importa. Importa, isso sim, que o Brasil está testemunhando o surgimento de um novo Zico — uma edição mais bem

acabada do maior artilheiro que o Flamengo já revelou em toda a sua existência. Um Zico mais marcação, mais participação na defesa e no meio-campo e, nem por isso, menos gols. Enfim, um Zico atingindo a fase da plena maturidade: criativo nas necessidades do seu time, destruidor quando o adversário ameaça. Talvez o jogador mais próximo da síntese tão sonhada pelos torcedores: técnica refinada do futebol brasileiro aliada ao espírito combativo que tanto invejamos nos europeus.

É sexta-feira e Zico acaba de chegar à Gávea. Logo na entrada, recebe a encomenda de 100 minicamisas de plástico com o número 10 às costas e seu nome gravado na frente. Paga 500 cruzeiros pelo brinde que distribui entre seus mais "sortudos" fãs.

Fisionomia abatida, barba por fazer, Zico entra mancando. Está contundido na perna direita por pura irresponsabilidade dos cartolas. Afinal, como diz, este ano não houve tempo para trabalhar a musculatura — e, assim, como agüentar o ainda tresloucado calendário brasileiro?

Seu caminho é o setor médico — dez dias de ininterrupto tratamento, dez dias longe da bola, dos campos, dos gols e, mais recentemente, do combate.

— O que mudou em você, Zico?

— Eu não estava mais conseguindo jogar. A marcação era implacável, eu tinha pouco espaço lá na frente. Em casa, ao analisar minhas atuações no videocassete, notei que eu mesmo estava reduzindo meu espaço em campo. Notei erros de colocação, falhas de deslocamento. Então resolvi criar meu próprio espaço indo combater lá atrás. Venho agora com a bola dominada ou, às vezes, posso me projetar sem marcação. Claro: há vezes que o cabeça-de-área tenta me seguir. Aí o Nunes fica soltinho e o Tita vem para o meio ocupar minha faixa de campo.

— Quer dizer que você prefere marcar menos gols, mas criar mais oportunidades para o time?

— Nada disso. Prefiro as duas coisas e as duas podem ocorrer juntas, sem conflito. Essa minha nova maneira de jogar, que não é tão nova assim, passou a dar mais campo para meus companheiros e a confundir o adversário. Mas nem por isso deixei de conferir: em 19 partidas fiz 19 gols. Além disso, fugi do cabeça-de-bagre que os técnicos escalavam com o único intuito de me perseguir e dar porrada.

— Você diz que a maneira de jogar não é tão nova assim?

— Não é mesmo. O pessoal é que começou a reparar agora, depois que o Telê falou. Ultimamente eu já vinha fazendo isso, tentando descobrir novos caminhos dentro do campo. E acho que encontrei. Hoje posso ser um lateral eficiente ou um cabeça-de-área marcador. E isso não está me cansando nem mais nem menos. O que cansa é você ficar só numa posição, completamente marcado, e naquela expectativa: quando a bola vai chegar aqui? Quando esse beque vai se descuidar? No final, você deixa o campo morto, cabeça exausta, hipertenso e não atuou nem 40% do que poderia.

— Você diz que suas chances de gol não diminuíram. Mas como isso é possível se, agora, você está menos tempo presente lá na frente?

"Preciso me aprimorar em muitas coisas. E, para meu azar, o futebol brasileiro continua sem calendário, sem deixar tempo para o atleta se aperfeiçoar"

LEMYR MARTINS

— Aí está a chave do mistério que eu não conhecia. Eu só estou indo agora quando sinto a brecha, quando consigo, por exemplo, lançar bem o Júlio César pela ponta-esquerda. Aí, como venho de trás, com toda a visão da defesa adversária e posso me colocar, percebo qual o beque que está se colocando mal. Como meu raio de visão aumentou, consequentemente aumentou também minha visão de campo. Antes, eu só enxergava da intermediária adversária para a frente. Agora, pego os adversários no contrapé. Descobri a vantagem de unir nossa técnica à força de trabalho do europeu. Acredito, firmemente, que este é o caminho a trilhar rumo ao futuro, rumo à Copa de 82.

— Em termos práticos: você se considera o introdutor desta nova mentalidade no Brasil?

— Seria muita presunção minha falar isso. Mas se estou mudando, por que os outros não podem mudar? Honestamente, sinto que todos estão procurando correr mais, se deslocar de maneira sincronizada, surpreender o adversário com uma marcação rígida. Jogador brasileiro tem o péssimo hábito de só pensar na partida quando tem a bola nos pés, mas isto felizmente está acabando. Afinal, precisamos de alguma coisa nova para chegar ao tetra, na Espanha.

— Zico, quais as principais deficiências do seu futebol?

— Preciso ainda me aprimorar em muitas coisas. E, para meu azar, o futebol brasileiro continua sem calendário, sem deixar tempo para o atleta se aperfeiçoar. De toda forma, preciso chutar melhor de esquerda com a bola em movimento; preciso apurar meu reflexo; preciso treinar mudança de ritmo — aquele momento dentro da área em que você está correndo com a bola e estanca momentaneamente, para logo depois arrancar com mais velocidade ainda e deixar o beque na saudade. O jogador, de modo geral, procura novos caminhos, mas falta-lhe tempo para treinar.

Zico mudou de mentalidade. Sem saber, talvez esteja seguindo o exemplo do inglesinho Kevin Keegan, do Hamburgo — incansável no combate aos adversários, nos mortíferos chutes a gol, nos milimétricos passes em profundidade, cérebro e coração do time alemão. Em poucas palavras: o Zico inspiração de sempre e, agora, cada dia mais transpiração. ⭘

"Artilheiro das decisões" ou simplesmente "João Danado". O fato é que o raçudo Nunes tornou-se um dos grandes ídolos da torcida flamenguista numa época em que o time só tinha craques. Ele justificou o apelido, marcando nas finais dos Brasileiros de 80 e 82 e no Mundial de 81.

Joãozinho Nunes, o guerreiro

TEM POUCOS AMIGOS, QUASE NÃO SAI DE CASA E RARAMENTE SORRI. MAS NEM POR ISSO É INFELIZ: SE REALIZA DENTRO DE CAMPO, ENFRENTANDO OS BEQUES, FAZENDO GOLS POR TELMO ZANINI

Terminada a pelada, começou a batalha campal nas ruas de Propriá, interior de Sergipe. De costas para a Lagoa do Padre, o garoto Joãozinho viu os adversários avançarem pela frente, armados com ossos de boi, pedras e pedaços de pau. Encurralados, sem meios para se defender e prevendo a surra que iriam levar, Joãozinho e os demais jogadores do time da rua Jacques não tiveram outra escolha senão cair na água e atravessar a lagoa a nado. Na fuga, levaram pedradas quando paravam para descansar, mas conseguiram completar a travessia sãos e salvos. Naquele dia, com apenas 10 anos de idade, Joãozinho aprendeu uma lição da qual jamais se esqueceria: em futebol, adversário é sinônimo de inimigo e jogo, sinônimo de guerra.

Passados 17 anos, Joãozinho transformou-se no temido centroavante Nunes, mas continua a encarar da mesma maneira o que um dia foi brincadeira de criança e hoje é sua profissão. Em 17 anos de duras pelejas, se fez guerreiro. Um verdadeiro viking dos tempos modernos, com seu físico moldado em músculos, a cabeleira rebelde, a barba por fazer. Tão autêntico guerreiro que, longe das batalhas, sente-se perdido, último exemplar de uma espécie em extinção.

Inimigos, Nunes tem aos montes — pelo menos é a esta condição que reduz seus marcadores durante os 90 minutos de uma partida. Já os amigos, estes são raros.

— Não tenho muitas amizades, é verdade. Mas isto não é importante. O que vale é chegar em campo e mostrar meu jogo. Se eu for amigo de todo mundo e não jogar nada, não sirvo para o time.

Na Gávea, Nunes freqüentemente é visto rodeado de crianças, que aliás o adoram. Com os companheiros de clube, porém, não tem tanta intimidade. Conta o quarto-zagueiro Marinho:

— Ele só joga sinuca ou comigo ou com o Cantarele ou sozinho. Quando começa a chegar mais gente, se afasta.

Apesar de serem padrinhos de casamento e melhores amigos de Nunes, Marinho e Cantarele jamais freqüentaram sua casa. "Apenas coincidência", apressa-se em esclarecer Marinho. E completa:

— Às vezes, ele é mal interpretado porque reclama dos companheiros dentro do campo, nos treinos ou mesmo durante um jogo. Mas ele é assim mesmo, nunca esconde seus sentimentos. Se não gosta de alguma coisa, vai dizendo logo, não fica mandando recados.

Viver, para Nunes, é enfrentar e abater adversários. Se, um dia, teve de fugir lagoa adentro para não ser massacrado, é porque não havia a menor condição de resistir. Mas quantas vezes chegou em casa com a cabeça arrebentada, o sangue correndo pela testa, por conta das brigas que arrumava jogando bola?

Em Propriá, a vizinhança dizia que o menino tinha "o Diabo no corpo" porque não era batizado.

O batismo só veio anos mais tarde, quando a família Oliveira mudou-se para Feira de Santana, na Bahia, mas não produziu o milagre esperado. Tanto que, aos 14 anos, Joãozinho largou tudo e foi treinar nos infantis do Flamengo. Quatro anos mais tarde, velho demais para continuar nos juvenis, acabou sendo dispensado pelos técnicos Valter Miraglia e Modesto Bria. Foi uma das poucas vezes na vida em que Joãozinho chorou. Olhos cheios de lágrimas, o coração cheio de revolta e raiva, despediu-se do massagista Serginho com um juramento:

— Um dia, eles ainda vão pagar caro para que eu volte a jogar no Flamengo.

Não errou. Sete anos depois, chegava ao clube, vindo do América do México, com o passe fixado em 400 mil dólares. Trinta quilos mais pesado, sim. Mais famoso também, e definitivamente curado da verminose que contraíra na infância. Mas o mesmo jogador irascível de sempre, de poucos amigos e menos sorrisos ainda.

— Não sou muito chegado a brincadei-

"Não sou muito chegado a brincadeiras. Não rio muito porque a vida não é só alegria, pelo menos para mim, que sustento três famílias"

Com a camisa para fora do calção, sua marca registrada: estilo debochado e muitos gols

ras. Não rio muito porque a vida não é só alegria, pelo menos pra mim, que sustento três famílias. Tenho que ganhar pra mim, para minha ex-mulher e meu filho e também para a minha mãe, que é separada do meu pai.

Infinito pessimismo. Nunes vive, hoje, um dos momentos mais felizes de sua vida. Bem casado, é titular absoluto do Flamengo e principal artilheiro de um time que tem ninguém menos que Zico. Entretanto — confidencia Soraya, sua atual mulher — dificilmente sorri. Na verdade, parece que está definitivamente brigado com o mundo. Não vai à praia, pretextando que "o sol deixa a gente mole". Também não freqüenta cinema e teatro, e quando vai a um restaurante prefere uma churrascaria de pouco movimento na Ilha do Governador, onde invariavelmente senta numa mesa de canto, de costas para a porta.

O gosto circunstancial pela vida doméstica é até compreensível. Afinal, há três anos — desde que a conheceu em Teresópolis, quando a Seleção treinava para a Copa — que ele aguardava, ansioso, o momento de se casar com Soraya. Agora que conseguiu, quer curtir cada momento livre ao lado do novo e grande amor.

É ali, refugiado no conforto e na intimidade do seu apartamento no Leblon, que Nunes se fortalece espiritualmente para as batalhas decisivas da vida. Contra os beques adversários, contra todos que queiram opor-se à sua fúria guerreira. Uma vez em campo, faz desaparecer todas as antipatias que eventualmente tenha despertado em sua santa cruzada contra o futebol sem gols, sem sangue, sem garra.

Colhido mais um triunfo, certamente se sentirá tão insatisfeito como antes de pisar o gramado e ouvir o grito de incentivo da torcida. Tal como um ator perfeccionista, parece ter assumido com tanta autenticidade seu papel de valente goleador que, longe dos estádios, é incapaz de encenar qualquer outro enredo que despreze a competição. Pouco lhe importa. Ou melhor, importa muito, na medida em que contribui para seu sucesso no futebol. Um sucesso explicado com rara felicidade pelo torcedor do Flamengo e jornalista Manoel Eppelbaum, correspondente da revista argentina Goles:

— O Nunes agrada tanto à torcida porque só ele é capaz de, em cinco minutos de jogo, entrar em guerra com toda a defesa adversária.

O gol de cabeça em Leão, que valeu o Campeonato Carioca ao Flamengo, ninguém esquece. Nem as divididas insanas, a demonstração de raça incomum deste guerreiro. Mas após oito anos de clube, chegara a hora de sair. Ele já não era tratado como ídolo e por isso deixou a Gávea naquele mesmo ano.

J.B. SCALCO

Boca inchada, sangue na camisa: imagem comum do guerreiro Rondinelli saindo de campo

O deus da raça desmoronou

A TORCIDA JÁ NÃO GRITA SEU NOME. O TÉCNICO SÓ O ESCALA FORA DE POSIÇÃO. DEPOIS DE 13 ANOS, ELE TEM DÚVIDAS SE VALEU A PENA O SANGUE QUE DERRAMOU PELO MENGÃO POR HIDEKI TAKIZAWA

Ele entra pelo portão da Gávea como um anônimo qualquer. No percurso até o vestiário, não será abordado por nenhum caçador de autógrafos. Depois do treino, ninguém se aproximará dele para puxar conversa. Um anônimo qualquer: é a isso que ficou reduzido Rondinelli – até tempos atrás, o Deus da Raça; hoje, um jogador solitário e desprezado no Flamengo.

Um Rondinelli molengão, com o caminhar arrastado de quem já não tem pressa de trocar a calça jeans pelo calção e a bola:

– Minha vida virou um pesadelo. Não há mais o herói de 78, o do gol de cabeça que destruiu as pretensões do Vasco e abriu o caminho do Fla para o tricampeonato. O lutador de fibra está nocauteado, esquecido pela torcida, traído pelo técnico, execrado pelos cartolas.

– Tenho a sensação de que uma parte do meu corpo morre a cada segundo. Sem a torcida me apoiando com seus gritos de guerra, acho que não sou ninguém.

Dá pena ver Rondinelli fora de sua rotina de 13 anos de amor e dedicação ao Flamengo. Perdeu a vaga no time, perdeu a confiança no treinador, mais um pouco perde a vontade de jogar e, com ela, o orgulho:

– Cheguei aqui com muita esperança. Ouvia falar no clássico Domingos da Guia, no valente Pavão. E pensei: vou ser os dois num só.

Em alguns momentos, chegou a ser. Quem não se lembra de Rondinelli em maio de 80, em pleno Mineirão? Sua coragem e valentia numa dividida com Reinaldo lhe custaram uma fratura de maxilar e um corte profundo na boca.

Traidor! – este é o conceito que Rondinelli faz de Modesto Bria. O técnico vivia dizendo que "titular que sai machucado do time volta assim que se recuperar". Pois Rondinelli se machucou contra o Itabaiana, primeira fase da Taça de Ouro, e nunca mais foi reintegrado na equipe titular.

Ingratos! – este é o grito que Rondinelli gostaria de espalhar pelos alto-falantes do Maracanã, uma forma de manifestar publicamente a mágoa que guarda da torcida. Torcida de memória curta, que já não se lembra mais de seu ídolo, que já não grita mais seu nome

Observando, de longe, a bola: no final de sua passagem pelo Flamengo, ela já não lhe obedecia. Rondinelli jamais esperava sair pela porta dos fundos

durante a partida. Mas, se Rondinelli sente a falta dos gritos da galera, alguns de seus companheiros também lamentam a ausência em campo do Deus da Raça. Como relata Adílio:

— Aos berros, era ele quem corrigia nossas falhas. Colocava fibra e amor em cada lance. Se o Flamengo fosse gente, ele seria o Flamengo.

Rondinelli sabe disso melhor do que ninguém. Diz que não reclama da situação "para não tumultuar o ambiente". Mas confessa que vive chorando pelos cantos de sua casa. E aponta os culpados de todo esse sofrimento:

— Cláudio Coutinho foi o primeiro a me trair: queria que eu fosse quarto-zagueiro e me recusei. Disse que saía do time, mas ele voltou atrás. Depois veio o seu Bria com aquela história de "contundido volta ao time quando estiver bom". Como Coutinho, depois insistiu em me escalar de quarto-zagueiro. Por último, me obrigou a entrar de lateral-direito, posição que me dá azar desde o juvenil.

Desonestos! — é disso que Rondinelli acusa os cartolas do Flamengo:

— Estão querendo me vender como um saco de cebola em feira livre, mas relutam em aceitar a proposta do Corinthians.

Barba por fazer, olheiras de quem vem de muitas noites mal dormidas, Rondinelli termina uma frase e, imediatamente, volta os olhos para o chão. De repente, resolve sentar — e nem se preocupa em limpar a poeira do chão para não sujar a calça:

— Aqui — sentencia melancólico —, parece que eu sou a poeira. O goleiro Raul passa perto, vê a expressão de tristeza estampada no rosto do companheiro e não se contém:

— Que é isso, Rondi? Levanta a cabeça, rapaz, abra um sorriso, muda essa imagem de pagador de promessas.

— Viu? — emenda Rondinelli. — Os amigos continuam os mesmos. Nosso grupo é unido, pelo menos isso se salva.

Recordações felizes e tristes se confundem e se misturam na cabeça de Rondinelli. A fratura do maxilar na decisão da Taça de Ouro, o corte no joelho num jogo contra o Vasco da Gama em 1974...

— Levei 12 pontos, fiquei 30 dias de muletas. Agora te pergunto: valeu a pena?

Talvez sim. Afinal, por tudo o que fez nestes 13 anos de carreira, ele certamente entrará para a história do Flamengo como "um dos mais corajosos e valentes beques que já vestiram a camisa 3 rubro-negra". E este sempre foi seu grande sonho, um sonho que hoje, aos 26 anos, Rondinelli vê chegar ao fim com resignação:

— O Deus da Raça, hoje eu sei, tinha pés de barro. E desmoronou.

Um zagueiro completo. Capaz de sair jogando com precisão, de se transformar em atacante e fazer gols decisivos e também – ossos do ofício – de dar umas pancadas quando o jogo exigia. O estilo de entrega total de Mozer lhe rendeu algumas contusões, mas também um lugar no coração da massa.

A raça tem novo deus

NOS MÍNIMOS DETALHES, ELE REPETE O ESTILO QUE FEZ DE RONDINELLI ÍDOLO DA TORCIDA. VALENTE E RAÇUDO, PAGA COM SEGUIDAS CONTUSÕES O PREÇO DE SUA CORAGEM DESMEDIDA

POR HIDEKI TAKIZAWA

Na época em que defendia o Flamengo, o zagueiro Rondinelli era conhecido entre os torcedores como o Deus da Raça. Quem se lembra da gana com que ele disputava cada dividida, a valentia com que defendia sua área, sabe que o apelido só lhe faz justiça.

Melhor do que as recordações, porém, são as cicatrizes que reconstituem com fidelidade a história de sua carreira — desde os idos de 1971, quando chegou à Gávea aos 17 anos, até os dias de hoje, quando se encaminha para os 30. As marcas desses 12 anos de duras batalhas são visíveis em seu corpo: quatro pontos no polegar direito, 14 na canela, três na testa, quatro na cabeça, uma luxação de tornozelo, uma fratura de nariz, outra de maxilar e, finalmente, uma operação de meniscos.

Rondinelli deixou o clube em 1981 — mas parece ter feito escola. Seu sucessor, o fogoso Mozer, exibe o espírito de luta digno de um Deus da Raça. E mais: aos 22 anos de idade, menos de três como profissional, já ostenta uma ficha médica repleta de contusões graves. Ainda nos tempos de juvenil, fraturou o tornozelo direito e um dedo do pé. Defendendo o time principal, fraturou três costelas, levou cinco pontos num corte de supercílio, sofreu afundamento do malar e — ufa! — uma operação de meniscos.

"O Mozer é mais técnico do que eu, mas tem características muito semelhantes às minhas", analisa Rondinelli. "Não tem medo de colocar a perna na dividida, xinga, vibra, dá alma nova à torcida."

"É um guerreiro que assusta os adversários não só em sua área como nas arrancadas ao ataque", define-o o meia Dudu, do Vasco, companheiro de Mozer na Seleção Brasileira de Novos que conquistou o Torneio de Toulon em 1980. O ponta-direita Robertinho, que também integrava aquela Seleção, não se esquece da decisão contra os franceses: "O Mozer parecia um leão. Amedrontando os adversários, gritando com os companheiros, ele nos transmitiu garra e coragem."

Tempos depois, defendendo o Fluminense no Campeonato Carioca, Robertinho voltou a se encontrar com o zagueiro flamenguista — só que, desta vez, na condição de adversário. Ele jura que não levou vida boa: "O Mozer chega sempre um segundo antes da jogada e suas pernas longas mais parecem uma poderosa tesoura. A bola pode passar, mas o atacante fica."

A bola passa, mas o atacante...

Alto e forte (1,87 m e 78 kg), Mozer tem fama de beque durão. Suas seguidas contusões, porém, indicam que ele representa uma ameaça maior a si mesmo do que aos atacantes sobre os quais exerce marcação implacável. "O Mozer teve uma ascensão rápida demais e não foi devidamente preparado na parte física", explica o preparador físico José Roberto Francalacci. "Ele precisa adquirir maior equilíbrio muscular para evitar choques que provocam contusões em movimentos inadequados. Mal comparando, estamos realizando com ele um trabalho semelhante ao de calibrar os pneus de um carro. Sem equilíbrio nas quatro rodas, o carro derrapa, né? Com o jogador acontece a mesma coisa. Por isso, estamos cuidando de fortalecer a musculatura da sua perna."

Sábia decisão. Mesmo porque não serão as lesões que farão o zagueiro mudar seu estilo de jogo. Sua teimosia, entretanto, tem limites. Não fosse isso, aliás, e ele não figuraria hoje como titular da Seleção de Parreira.

Em sua rápida passagem pela Gávea, o técnico Dino Sani não deixou saudades na torcida rubro-negra, mas ensinou a Mozer uma lição da qual jamais irá esquecer-se. Julho de 1981, o Flamengo penava para vencer o modesto Serrano por 1 x 0 e Dino se esgoelava no banco, pedindo que seu zagueiro-central soltasse a bola, que jogasse com mais seriedade. Insensível a tais apelos, aos dez minutos do segundo tempo Mozer tentou um drible na área, perdeu a bola e quase surge o empate do Serrano. No mesmo instante, o treinador sacou-o da equipe e fez uma promessa que não chegou a cumprir: "Esse irresponsável não joga mais no meu time."

Dino foi demitido e em seu lugar assumiu Paulo César Carpegiani, que duas semanas depois efetivou Mozer como titular da zaga. Hoje, o jogador reconhece: "O Dino tinha toda a razão: no futebol, só vence quem tem responsabilidade".

É em nome dela, por sinal, que de uns tempos para cá ele vem fazendo o maior esforço para refrear sua compulsão de descer toda hora ao ataque para tentar um golzinho. É verdade que sua excelente estatura e impulsão (80 cm) transformam-no num cabeceador perigoso nas bolas altas cruzadas sobre a área adversária. Mas, agora, descer só na boa — para não deixar buracos na defesa. "Lembra-se daquela virada em cima do Atlético Mineiro na Taça de Ouro de 1982? Pois é, eu dei o passe para o nosso primeiro gol e marquei o segundo. Mas que outra coisa eu poderia fazer depois de ter falhado no gol deles?"

Até nisso, Mozer lembra Rondinelli, um zagueiro que se transformava em atacante nas decisões. Tomara que as coincidências parem por aí. A torcida quer Mozer inteiro, combatendo o inimigo — e não recolhido à enfermaria, batendo recordes de contusão.

"O Mozer chega sempre um segundo antes da jogada e suas pernas longas mais parecem uma poderosa tesoura. A bola pode passar, mas o atacante sempre fica"

Saindo para o jogo, sempre de cabeça erguida: ele misturava raça e técnica

Quando chegou à Gávea, em 1978, Raul já tinha 34 anos. Fim de carreira? Não. Ele teve fôlego e categoria para jogar até os 40. Como recompensa, viveu os melhores dias da história do clube. Campeão brasileiro, campeão sul-americano, campeão mundial. E olha que ele já estava cheio de tudo...

O lento adeus do campeão

ELE JÁ AMEAÇOU ABANDONAR A PROFISSÃO VÁRIAS VEZES. SEMPRE RECUOU. MAS AGORA GARANTE QUE É SÉRIO: EM DEZEMBRO DEIXA A BOLA E VIAJA PELO MUNDO POR MARIA HELENA ARAÚJO/ SÉRGIO CARVALHO

FOTOS RODOLPHO MACHADO

Amarrando a chuteira: no Flamengo, ele foi mais discreto que no Cruzeiro, mas não menos brilhante

A julgar pelo passado do goleiro Raul, sua anunciada intenção de pendurar as chuteiras em dezembro próximo deve ser encarada, no mínimo, com reservas. Afinal, em seus 21 anos de carreira, ele fez esta mesma promessa pelo menos quatro vezes — e não levou nenhuma delas adiante. Não é à toa, aliás, que os amigos mais chegados já começam a chamá-lo de "Sílvio Caldas".

"Sílvio Caldas, eu?", surpreende-se o goleiro do Flamengo, explodindo numa gostosa gargalhada. "Na verdade, há uma pequena diferença entre nós dois: ele parava mesmo e depois voltava; eu nunca cheguei a parar de fato. Mas agora me deu um click: em dezembro, eu largo tudo."

Mais surpreendente que a decisão de Raul só mesmo o fato de, aos 38 anos, ele continuar jogando bola — e, ainda por cima, como titular absoluto de um dos melhores times do Brasil e do mundo. Não que lhe falte competência para tanto. Ao contrário: suas atuações na Taça de Ouro revelam-no um jogador com reflexos em dia, boa agilidade e muito experiente.

Ocorre, contudo, que Raul jamais escondeu de ninguém uma profunda antipatia pelo futebol. Se está numa roda de amigos e alguém toca no assunto, ele logo arranja um pretexto para retirar-se. Em dezembro de 1981, poucas horas depois de desembarcar no Rio de Janeiro com a faixa de campeão mundial de clubes, Raul estava em Nova Lima, a 27 km de Belo Horizonte, fazendo o que realmente lhe dá prazer: comendo leitão pururuca, bebendo cerveja gelada e contando sua viagem a Las Vegas e Disneylândia. Da vitória sobre o Liverpool (3 x 0), não disse palavra.

"Não gosto de futebol, não gosto da máscara que envolve esse mundo", costuma dizer. Também detesta treinar e, exatamente por causa disso, deixou de ser convocado por Telê Santana para a Copa da Espanha. Pior ainda é quando lhe cobram mais dedicação nos treinamentos ou quando falha num gol. Nessas horas, a sensação de total inadaptação ao meio torna-se quase insuportável e Raul repete para si mesmo a angustiante pergunta: "Mas, afinal, o que estou fazendo aqui?"

O futebol fez de Raul o mais laureado jogador brasileiro em atividade. Deu-lhe 13 títulos estaduais, dois títulos nacionais,

duas Taças Libertadores e um Mundial Interclubes. O futebol transformou-o, igualmente, num ídolo adorado — a ponto mesmo de levar à histeria a torcida feminina de Minas Gerais, em seus áureos tempos de Cruzeiro. Quantas e quantas vezes, depois de uma vitória, as fãs não rasgaram suas vestes, não cobriram seu corpo de beliscões, à saída do Mineirão?

Tudo isso somado, porém, parece ter influído muito pouco nas convicções e sentimentos de Raul. "Deixarei o futebol com a certeza de que não terei nenhuma saudade da vida que levo hoje."

Sem dúvida, Raul não sentirá a mínima falta dos enfadonhos treinamentos, da maratona de jogos, das viagens desgastantes. Mas o mesmo não poderá dizer dos amigos que fez no futebol, das deliciosas histórias que protagonizou em suas andanças pelo mundo inteiro. Como naquele dia em que colocou uma cobra morta debaixo do travesseiro de Dirceu Lopes.

"Ele deitou", relembra, "e de repente sentiu um negócio gelado nas mãos. Começou, então, a chorar de medo, não conseguia mover um único músculo. Só se acalmou com a chegada do médico — e a gente morrendo de rir."

Foi ainda no Cruzeiro que ele viveu um dos momentos mais difíceis de sua carreira. Inconformados com as seguidas conquistas do clube rival, os torcedores do Atlético Mineiro resolveram descontar sua frustração em cima de Raul, de cuja masculinidade passaram a duvidar, por causa dos seus então longos cabelos louros e da maneira extravagante de se vestir. E tanto insistiram nesta tecla que o próprio jogador chegou a se indagar se tudo aquilo não teria um certo fundamento.

"Nu diante do espelho, eu ficava andando de lá para cá e me perguntava: será que sou bicha mesmo? Como posso ser se nunca transei com um homem? Em matéria de sexo, aliás, sempre dei azar. Minha primeira relação sexual, por exemplo, aconteceu aos 16 anos, numa Kombi e me custou uma doença venérea. Pode?"

Raul faz uma pausa. No momento seguinte, inicia uma outra história ainda mais curiosa: "Noite de farra em Belo Horizonte, de repente pinta uma loura muito bonita e me convida para entrar no seu carro. Beijinhos daqui e de lá, de repente eu descubro o quê? A tal loura não passava de um travesti. Fiquei louco da vida. Já pensou se a imprensa fica sabendo?"

Raul revela que os próprios jogadores do

Ao lado do lateral Júnior: Raul dava segurança à defesa de um time repleto de cobras criadas

Cruzeiro desconfiavam de que ele fosse homossexual. Por isso jamais deixavam de convidá-lo para curtir longas noitadas nos bordéis da cidade. Raul não se recusava a ir, mas nem sempre se dava bem.

"Houve uma noite em que a gente começou a farra num bordel e depois resolveu ir para outro. Chegando lá, fui para o quarto com uma dona, e nada. Nada mesmo! Pedi mil desculpas a ela, disse que lhe pagaria em dobro, contanto que não contasse nada aos meus amigos. Mas aí, para minha surpresa, ela disse: 'Amigo, um homem nunca fracassa na cama,

"Deixarei o futebol com a certeza de que não terei absolutamente nenhuma saudade da vida que levei e ainda levo hoje"
RAUL

quem fracassa é sempre a mulher'. E eu saí do quarto com cara de vitorioso. Que tremendo canalha, hein?"

A cisma com Raul era tanta que certo dia, numa entrevista na televisão, ele não suportou as pressões e perdeu as estribeiras. "Raul, você é bicha?", indagou-lhe uma voz em off. A resposta veio na hora: "Se você tem dúvida, manda a sua mãe lá em casa que amanhã ela lhe responde."

O programa foi imediatamente tirado do ar. Quando voltou, o entrevistador insistiu na pergunta e Raul contra-atacou com fúria redobrada: "Se você não está satisfeito em mandar sua mãe, mande também sua irmã." Pânico geral no estúdio: fim da entrevista; e do programa.

Ossos do ofício. Quando enfrentava o Cruzeiro, o matreiro Pelé passava os 90 minutos piscando o olho para Raul, com a clara intenção de desconcertá-lo. Sem contar que em Minas havia um maluco que, semanalmente, escrevia cartas para o goleiro fazendo-lhe propostas indecorosas. "O cara queria transar comigo a todo custo", assegura. "Ainda bem que jamais cheguei a conhecê-lo."

De sua fase no Rio, Raul guarda poucas histórias. Lembra-se apenas de uma situação embaraçosa: tranqüilamente instalado numa mesa do badalado bar Florentino, ele começava a sorver sua primeira dose de uísque quando, subitamente, quem chega? Simplesmente, o presidente do Flamengo, Dunshee de Abranches, acompanhado de toda sua diretoria. Detalhe: era uma sexta-feira e o time teria um jogo importante no domingo. Envergonhado e irritadíssimo, Raul não teve outra alternativa senão pedir a conta rapidamente e voltar para casa.

Tipo estranho, esse Raul. Estudou até a quarta série ginasial, jamais leu um livro na vida, mas fala castelhano e italiano. Recentemente, quando entrou na sala de operações para curar-se de uma hérnia de disco, estava convicto de que morreria. "Na véspera", conta, "um cara que nunca tinha me visto disse: 'Não opere que você vai morrer'. Mas as dores eram muito fortes, não dava para pipocar. Então, ele prometeu: 'Vou fazer um trabalhinho para protegê-lo'. Fui para a cirurgia certo de que ia morrer. Se hoje estou vivo é por causa do trabalhinho do cara. Acredito muito nele, principalmente porque não apareceu para me cobrar nada."

Proprietário de vários apartamentos e terrenos, Raul se diz um "cara quase rico". Na sua cabeça, portanto, nada mais lhe prende ao futebol. "Não vejo a hora de largar a bola. A partir de dezembro, vou cair na gandaia, conhecer o mundo. Quero jantar num restaurante parisiense, bebendo um bom vinho, ouvindo um piano gostoso, sem hora para dormir. Quero sair de barco pelo mundo com a Ana Maria (sua mulher), a Daniela e o Guilherme (seus filhos). Esse dia, tenho certeza, vai ser o mais feliz da minha vida."

Feliz para Raul, mas triste para a galera rubro-negra, que torce para o seu ídolo continuar prometendo abandonar o futebol. Prometendo e não cumprindo.

Aldair ficou só quatro anos na Gávea. Uma pena... Clássico, seguro, consagrou-se depois de sair, com o título mundial na Copa de 1994, nos Estados Unidos, e uma trajetória brilhante e duradoura na Roma. Mas ele deixou marcas: o título carioca de 1986, o Brasileiro de 1987 e partidas inesquecíveis.

Em direção ao sucesso

A RODA DA FORTUNA GIRA PARA CIMA NO DESTINO DE UM BEQUE HUMILDE, EX-SUPLENTE DE RESERVA, QUE ENTRA PARA A LISTA DOS INDISPENSÁVEIS DO FLAMENGO

POR MILTON COSTA CARVALHO

Pelo menos um dos 16 filhos de Carmerindo Ferreira dos Santos, de 46 anos, do vilarejo de Banco da Vitória, a sete quilômetros de Ilhéus, no sul da Bahia, vislumbra o caminho da fama e da riqueza. E foi por iniciativa do próprio pai, que veio um dia ao Rio de Janeiro só para atirá-lo no mundo. Foi assim que Aldair Nascimento Santos, um baiano de jeito manso, fala macia e futebol de craque, aprendeu a não temer o futuro.

Se ainda persistem dúvidas, é só chegar para alguém no Flamengo, seja jogador, cartola ou torcedor. Basta propor, só de provocação, a compra ou troca de seu passe. Feito isto, é preciso tomar cuidado para não sair corrido da Gávea.

De repente, as coisas passaram a acontecer rapidamente na vida deste garoto. Aos 20 anos, ele não é o centroavante que o pai sonhara. Ao contrário, atualmente ele exibe seu futebol no lado oposto do campo, onde ousa o quase impossível: disputar uma vaga com Leandro ou Mozer.

Do primeiro ele já ouviu uma frase que o levou a tremer de emoção. Foi dias atrás, na boate Régine's, onde o Flamengo comemorou o título carioca de 1986. Leandro falou, quando alguém resolveu promover uma aproximação maior entre os dois. "Esse aí, cara, é fera", elogiou o consagrado zagueiro. Em seguida, deu-lhe um conselho: "Continue sendo exatamente o que é. Assim, você vai longe."

Profecia ou não, o certo é que o jovem talento já pensa grande. Os dias difíceis, como os da malsucedida experiência no Vasco de seu ídolo Roberto Dinamite, estão distantes. Hoje, ele mata no peito e tira a bola da área com a serenidade dos que sabem que o namoro com o sucesso será longo.

Como profissional, de contrato assinado desde março, já considera pouco os 6 000 cruzados mensais que vem recebendo. Fora as luvas de 15 000, gastou boa parte das gratificações pela conquista do título na reforma da casa da família, na Bahia. "Penso que já mereço um aumento", considera, seguro de que sua repentina popularidade pode abrir um pouco mais os cofres flamenguistas.

Baixada Fluminense

Dinheiro que, aliás, ele merece e precisa. Fora do mundo do futebol, Aldair vive a vida de um comum habitante da Baixada Fluminense. Ele reside na populosa, pobre e violenta Duque de Caxias, antigo feudo do temido e legendário Tenório Cavalcanti, o "Homem da Capa Preta", que acaba de virar tema de filme. Aldair continua dividindo uma casa de quarto e sala com Maria José , a tia Cocota, o tio e um primo de 3 anos.

ANTONIO C. MAFALDA

Tia Cocota é oito vezes campeã de judô em torneios cariocas e vice brasileira, em 1981, pela categoria peso pesado absoluto. Serena e carinhosa, ela possui por Aldair o zelo de mãe. As preocupações, é verdade, não são muitas. Aldair não fuma, não passa de um esporádico copo de cerveja nas refeições, não gosta de bailes e restringe seu lazer a idas ao cinema com a namorada Maria da Penha, 17 anos.

Ainda assim, os conselhos da verdadeira mãe postiça são inevitáveis. "É como se fosse meu filho", explica. "Estou sempre pedindo que continue humilde, que evite a violência e as brigas em campo" diz ela, com olhar emocionado.

É evidente que as preocupações de tia Cocota ficam por conta do excesso de zelo. O sobrinho leva uma vida de atleta. Numa casa em que todos respiram esporte, ela já vem até iniciando-o em alguns golpes e quedas do judô. O mundo particular do zagueiro é assim. Seu olhar divaga pela pequena sala e vai percebendo: na estante, a TV disputa espaço com sua aparelhagem de som, discos e alguns livros de aventura. Há também um pratinho de doces em frente a uma imagem de São Cosme e Damião e troféus. Desses, grande parte são da tia. "Em pouco tempo vou dividir estes espaços com ela", sonha Aldair.

O destino, sem dúvida, está a seu lado neste começo de empreitada. Afinal, ele era um desconhecido até o início do Campeonato Carioca. Aí, Mozer e Leandro foram convocados para a Seleção. Tem mais: a saída da zaga principal não abriu nada além de uma vaga no banco, já que os reservas imediatos eram Guto e Zé Carlos.

Sem presepadas

Contusões e cartões amarelos, entretanto, foram aos poucos dando oportunidade ao garoto. Assim que o Flamengo chegou à decisão com o Vasco — e Mozer estava machucado —, a torcida já confia-

SILVIO VIEGAS

Contra o Goiás, no Campeonato Brasileiro de 1986. Com 21 anos, ele já era titular do Flamengo, com a ingrata missão de substituir Mozer

va naquele jogador sóbrio, econômico em presepadas. Ocorre que o titular se recuperou e ele voltou a esquentar o banco. A roda da fortuna, contudo, girava para cima. Retornou à equipe numa fogueira, para substituir Adalberto na lateral-esquerda. A galera manteve sua fé.

Com segurança absoluta, mais que isso, com habilidade e até jogadas de efeito, Aldair estabeleceu definitivamente sua relação com a imensa e apaixonada nação flamenguista. Havia realizado o antigo desejo do pai Carmerindo, um ex-meia do Ilhéus, que guarda como maior orgulho ter um dia enfrentado o Santos de Pelé e companhia, num amistoso com a seleção local.

Por sinal, Aldair acredita vir desta longínqua partida a obsessão paterna por um filho jogador. Só assim ele estaria livre de seguir a profissão mais comum de Banco da Vitória, que é vender coco e pequenas iguanas em barracas ao longo da estrada Ilhéus-Itabuna. Se era esta, realmente, sua grande preocupação, o velho Carmerindo pode dormir o sono tranqüilo dos desejos realizados. Seu jovem filho, considerado a mais nova e promissora revelação do futebol carioca, sonha ainda mais alto. Já se imagina vestindo a camisa amarela da Seleção de Novos, que a CBF vem planejando para o final do ano.

"Tremer? Eu? Sempre convivi no meio de craques. Dá para amarelar desta forma?"

ALDAIR, ANTES DE VIRAR UNANIMIDADE NACIONAL

Desfile de craques

"Tremer, eu?", a pergunta sobre possíveis pernas bambas parece surpreendê-lo. "Sempre convivi no meio de craques." Não é mentira. Talvez venha daí o sossego demonstrado nas difíceis decisões que disputou contra o Vasco. É que, na Gávea, durante os longos anos de aprendizado entre os juniores, os treinos coletivos eram sempre contra os profissionais. Um desfilar de astros como Leandro, Mozer, Zico e, mais recentemente, Sócrates. "Dá para amarelar?", pergunta. Não, dificilmente. Pelo menos contra Roberto Dinamite não deu. Aldair é, sobretudo, uma pessoa pragmática. Sabe e sente que é melhor ser ídolo no Maracanã do que vender coco à beira do asfalto judiado que liga Ilhéus à Itabuna.

Craque. Chorão, mas craque. Bebeto só não foi canonizado pela torcida do Flamengo porque cometeu o pecado de se transferir para o Vasco em 1989. Depois, ele até retornou ao clube, mas o futebol e a química com a galera já não eram mais os mesmos...

O CRAQUE DO MENGÃO ASSUME SUA PORÇÃO FRÁGIL E EMOTIVA, MAS JURA QUE ESTÁ FAZENDO FORÇA PARA MUDAR ESSA IMAGEM

POR MARTHA ESTEVES

"Choro, e daí?"

Reclamando da violência do adversário: Bebeto foi um dos maiores, apesar de frágil

O coro cruel tem sido ouvido nos últimos jogos do Flamengo. "Chorão, chorão, chorão..." Ele parte do lado não-rubro-negro das arquibancadas. Tem como alvo o atacante Bebeto. Numa recente entrevista a PLACAR, o técnico Zagalo desferiu-lhe uma lambada com sua língua sempre mordaz: "Ele precisa amadurecer, lembrar que já não é um menino frágil e sempre vítima da violência". Mais: um colega de Zagalo, Carlos Alberto Silva, treinador da Seleção Brasileira, deu-lhe um brusco chega-pra-lá durante o Pré-Olímpico da Bolívia. Tem sido dura a vida para Bebeto, um dos principais candidatos ao trono que Zico logo, logo deixará vago. No meio dessa tormenta, fica uma pergunta: um rapaz de 23 anos, idolatrado pela maior torcida do Brasil, tem direito às lágrimas?

Para que se compreenda melhor essa história, convém voltar ao passado. José Roberto Gama de Oliveira é um típico produto da classe média. Ao contrário de milhares de jovens que procuram o horizonte dos grandes clubes, ele nunca passou necessidades. Tem oito irmãos, mas sempre foi o mais mimado. Com seu jeito meigo, permanece sendo o xodó da mamãe, dona Cármen. Não há aí pecado algum.

Sentimental, emotivo, sensível. Ele carrega esse estigma desde que chegou à Gávea, vindo do Vitória, da Bahia, como promessa de craque futuroso. Passados quatro anos, Bebeto continua a própria imagem da fragilidade física e psicológica. Vá-se explicar a um torcedor adversário — um desses humilhados e ofendidos que vão ao Maracanã como pingentes de trens de subúrbio — que homem chora.

"No início, ele era muito rebelde", recorda o ex-preparador físico do Flamengo José Roberto Francalacci. "Foi preciso convencê-lo de que o próprio Zico havia passado por sacrifícios maiores." Bebeto era tão arredio que a cartolagem rubro-negra considerou a hipótese de contratar um psicólogo só para ele. Longe da família, ele se derretia em pranto. A saudade doía. Chegou a pensar em largar tudo e voltar para Salvador. Quem segurou a barra desses primeiros tempos foi o antigo atacante Silva. "Bebeto tinha uma responsabilidade muito grande: precisava ser uma estrela", relembra. "Era demais para o garoto."

Pacto familiar

Junte-se a isso uma tragédia. Em dezembro de 1984, seu irmão Nílton morreu num acidente aéreo junto com o zagueiro Figueiredo. "Pensei que Bebeto não fosse agüentar tanta dor", suspira maternalmente dona Cármen. "Ele chorava dia e noite. Parecia ter perdido a razão de viver." É verdade. Não fosse a missão de ajudar em casa, o jogador teria chutado tudo para o alto. Mas houve

um pacto familiar em torno dele.

Hoje o atacante sustenta 12 pessoas que moram na espaçosa casa que ele comprou, faz dois anos, num ponto nobre da Barra da Tijuca. Lá, mantém um pequeno zoológico com araras, cães, gatos, cabritos e outros animais. Dos salários de duas empregadas à comida para seu reino particular da bicharada, todas as despesas são custeadas por Bebeto. Ele recebe 150 000 cruzados mensais, sem contar os prêmios. "E entrega tudo para mim", confessa Wílson, seu irmão, procurador e sócio.

O craque é mão-aberta. No mês passado, deu um Fusca de presente à irmã Carminha. "Bebeto é a pessoa mais maravilhosa do mundo", agradece a mana. Ele se preocupa muito com o que dizem a seu respeito. Por isso a fama de chorão tem incomodado seu sono. Por isso também as lágrimas ao ser substituído durante o jogo contra a Argentina pelo Pré-Olímpico e a briga com Carlos Alberto Silva, que, na ocasião, não foi cheio de dedos com ele.

"Sonho sempre com aquilo", confidencia Bebeto. "Não agüento mais tanta cobrança." Ele foge de quem insiste em falar do pênalti perdido contra a Colômbia ou da desavença com o treinador. "Ele me empurrou, sim", confirma. "Mas foi uma atitude de pai para filho." Na Europa, onde acabou de excursionar com a Seleção, Carlos Alberto Silva confirmou o qüiproquó a Mário Sérgio Della Rina, de PLACAR. "Ocorre que Bebeto é um jogador carente", testemunha o técnico. "Num grupo heterogêneo, ele precisa de um tratamento especial."

Sobremesa na cama

O preparador físico Bebeto de Oliveira observou, da mesma forma, tais facetas na personalidade de seu xará. "Ele é mais sensível que os outros", diagnostica. "Não confia em todas as pessoas, mas, a partir do momento que acredita em alguém, abre o coração. E é um rapaz muito sensível às críticas."

Cortesias diferenciadas Bebeto recebeu na Seleção Brasileira de juniores, campeã sul-americana e mundial de 1983. Às vezes sentia-se indisposto. Nessas ocasiões, o médico da delegação, José Fernandes, chegava a lhe levar a sobremesa no quarto. No time principal do Brasil, porém, tudo foi diferente. Ele passou a ser encarado como adulto. Dividiu um apartamento na concentração com o goleiro Zé Carlos, seu companheiro de Flamengo. Gostava de ouvir conselhos. "Antes e depois dos jogos, ele recebia ligações da família", relata Zé Carlos, que se espantou com o valor da conta de telefone do parceiro: 25 000 cruzados.

Duas pessoas tiveram participação especial na crise que envolveu Bebeto na Seleção: Zico e a noiva Denise. Zico ficou preocupado e procurou-o para uma conversa. "Responda com seu futebol", ensinou. Denise abriu o jogo: "Essa fama de chorão pode prejudicar sua carreira". Sempre que viaja, Bebeto traz bichinhos de pelúcia para ela, que o considera "muito amoroso". Na verdade, o incidente teve um lado doce. Serviu para aumentar sua popularidade junto aos flamenguistas. Antes, recebia 200 cartas por mês. Hoje, são mais de 300. Segundo ele, todas carregam uma mensagem positiva. "Choro, e daí? A torcida entende que sou um homem de verdade, mesmo chorando quanto tenho vontade."

> **"Choro, e daí? A torcida entende que sou um homem de verdade, mesmo chorando quando tenho vontade"**
> BEBETO

Curioso é que, na Bahia, Bebeto nunca teve fama de chorão. O preparador físico do Vitória, Raimundo Barbosa, seu técnico no infantil do clube, ressaltou esse fato ao repórter Washington de Souza Filho. "Eu pedia para que ele evitasse as divididas, mas não adiantava. O garoto ia em todas, sem medo."

Proteção na Gávea

Só depois de alcançar a equipe principal do Vitória é que Bebeto passou a dar problemas. Por pouco tempo, diga-se. Ele jogou apenas duas partidas e meia como titular. Substituído, prometeu que nunca mais vestiria aquela camisa. Depois da passagem pela Seleção de juniores, teve o passe vendido ao Flamengo. Antes de deixar o clube baiano, porém, fez queixa do meia Wecsley e do zagueiro Luís Cláudio. Bateu o pé e acusou a dupla de ter armado um complô contra ele.

No Flamengo, encontrou a proteção que procurava. Acostumou-se a ser atendido em quase tudo. Em campo, com 1,76 m e 66 kg, mostrou-se um jogador habilidoso. No entanto, de aparência franzina, tornou-se presa fácil de becões violentos. Para reforçar essa imagem, não costuma revidar pontapés, o que, muitas vezes, é confundido com covardia.

De qualquer modo, ele tem procurado trilhar o caminho do autocontrole. Enforça-se sinceramente nesse sentido. E não quer mais chorar por motivos banais. Dias atrás, durante a gravação de um programa esportivo na TV Educativa do Rio de Janeiro, o vice-presidente da CBF, Nabi Abi Chedid, garantiu que ele será convocado para a Copa América. Bebeto sentiu um forte nó na garganta e chegou a engasgar. Mas conteve as lágrimas. Estava dado o primeiro passo para acabar com a fama de menino mimado e chorão.

RICARDO BELIEL

Comemorando com Aldair o gol que valeu o título carioca de 86: ele ganhou também o Brasileiro de 87

Tudo bem. Renato era gaúcho, brilhou até com a camisa do rival Fluminense, mas tinha sangue flamenguista correndo nas veias. Ele se identificou completamente com a galera rubro-negra e fez partidas memoráveis. Na campanha do título brasileiro de 87, Renato "Maluco" só não fez chover.

Renato, rebelde com causa

ANTONIO C. MAFALDA

Renato senta na bola e amarra a chuteira: ele era capaz de tudo para humilhar o seu marcador

SIM, O PONTA CONTINUA IRREVERENTE. MAS SUA BANDEIRA DE LUTA AGORA É O FLAMENGO

POR MARTHA ESTEVES

Quem chega ao célebre estádio da Gávea, ao anoitecer, pode assistir à cena de perto. Os refletores acesos iluminam o ponta-direita Renato, do Flamengo, obcecado na cobrança de sucessivas faltas e pênaltis. Às vezes, o goleiro Zé Carlos vai à exaustão. "Ele fica endiabrado e quase me mata", queixa-se o camisa 1.

Acredite se quiser. Ultimamente, o inquieto ponteiro tem demonstrado preocupação com a apatia de alguns companheiros em campo. Tomou até mesmo a iniciativa de reunir o elenco para firmar um pacto: ganhar o segundo turno da Copa União. "Quem não quiser lutar, deve abandonar o barco", avisa.

Renato tem certeza de que sua fase ruim finalmente acabou. Livrou-se, enfim, de todos os problemas que o perseguiam desde a chegada ao clube: 4 kg acima dos 83 de peso normal e duas delicadas contusões no pé direito durante a Taça Guanabara deste ano. Houve, é verdade, um momento de desespero. "Procurei até um pai-de-santo famoso no Rio de Janeiro", revela. "Ele disse que eu estava com mau-olhado de homens e mulheres, fez um trabalhinho e a situação melhorou."

Nunca foi anjo

Hoje, o craque parece outro. Precisou, no entanto, de seis meses para driblar o azar. Seu reencontro com um futebol agressivo e perigoso aconteceu no início da Copa União, quando o Flamengo perdeu para o São Paulo por 2 x 0. Apesar da derrota, Renato exibiu o mesmo talento que o levou para a Seleção Brasileira pela primeira vez, convocado pelo técnico Carlos Alberto Parreira, em 1983. E, a cada jogo, foi crescendo ainda mais: depois de sete partidas, ele mantém a média 8 na Bola de Prata — uma das mais altas entre todos os jogadores.

Não pense, porém, que o jovem rebelde de 25 anos deu lugar a um anjo. Ele nunca foi santo. Instalado num apartamento de cobertura no nobre bairro da Lagoa, e com a risonha e franca noite do Rio de Janeiro à disposição, o ponta vive na cidade que sempre cobiçou. De quebra, está perto de seus mais íntimos amigos, como o lateral Paulo Roberto, do Vasco, e o zagueiro-central Leandro, do Flamengo. Com este, por sinal, ele perpetrou um rumoroso caso na Toca da Raposa, concentração da Seleção Brasileira em 1986. A dupla avançou com voracidade madrugada mineira adentro e, na volta, trombou com Telê Santana. Resultado: Renato foi cortado e Leandro, num gesto de alegada solidariedade, pediu dispensa dias depois. À época, levantaram-se hipóteses maliciosas sobre o relacionamento dos dois belos e malditos jogadores, que ficaram fora da Copa do México. "Não sei o que foi pior: não ir ao Mundial ou ser chamado de bicha", recorda-se o ponta, com visível desagrado.

Do episódio restou-lhe ainda a única inimizade assumida. Ele não gosta nem de ouvir o nome de Telê Santana. "O Brasil não ganhou nada no México porque não tinha treinador", acusa. Telê, a rigor, sempre condenou o modo de vida de Renato. Ao tomar a decisão de cortá-lo, ele tinha uma ficha algo desabonadora do craque nas mãos. Sabia, por exemplo, de uma agressão a um torcedor num Grêmio x Brasil de Pelotas, em 1983. Assim como de pontapés desferidos num jornalista no ano seguinte, em meio a um treino no Olímpico. Não bastassem os atos inconseqüentes, o ponta também era expulso com freqüência por aceitar provocações dos adversários e discutir com juizes. Além de tudo, julgava-se o rei da noite de Porto Alegre e as mulheres caíam-lhe aos pés. "Não sei o que me deu", diz, numa autocrítica. "Pensava que era o dono do mundo."

Diante do espelho

Renato está mudado? No caso, qualquer juízo ainda é arriscado. O certo é que ele cultiva o mesmo narcisismo de seus verdes anos sem qualquer sentimento de culpa. Costuma ficar parado demoradamente diante de um espelho admirando seu corpo. Também é capaz de parar o trânsito no BarraShopping, local em que faz compras, ou sacudir Studio C, Hippopotamus ou Calígola — fervilhantes casas noturnas do Rio de Janeiro.

Renato parte com a bola, os adversários partem atrás dele. Era sempre assim. Com um pouco mais de juízo, ele seria titular na Copa de 1986, no México

Trata-se de um homem irremediavelmente vaidoso. Normalmente, gasta 30 000 cruzados mensais em roupas da moda. O tratamento com os cabelos consome 2 000 cruzados e até mesmo as unhas meticulosamente cuidadas estão em seu orçamento de beleza. Seu armário parece uma butique: abriga 90 camisas, 55 calças, 20 pares de sapatos, 15 de tênis e 12 óculos escuros importados. "Ele é a pessoa mais vaidosa que conheço", entrega Antônio Benatti, 28 anos, o Raquete, seu amigo e secretário particular. "Só anda com roupas combinadas e logo as enjeita." O zelo desse "Narciso" dos estádios vai ainda mais longe: usa quatro cremes de rosto, cada um com uma finalidade diferente. "Ninguém é feio", prega Renato. "As pessoas são apenas maltratadas."

"Garotão lindo"

No fundo, porém, ele é um tímido. Quando está muito interessado numa mulher, perde a coragem de abordá-la. Essa missão, aliás, sempre reserva a seu fiel escudeiro Raquete. Recentemente, ao avistar a modelo e atriz Luma de Oliveira dentro de um avião, teve de tomar três doses de Campari para ir até sua poltrona solicitar um autógrafo. "Fiquei gago e não consegui pedir seu telefone", confessa. O que Renato não sabe é que Luma também ficou impressionada com o encontro casual. "É um garotão lindo", abre-se ela. "Quase o convidei para uma festa, mas sabia que estava concentrado."

"Não sei o que foi pior para a minha carreira: não ir ao Mundial do México, em 1986, ou ser chamado de bicha"

RENATO

A intensa vida amorosa do jogador não atrapalha seu noivado com a bancária gaúcha Maristela Baravesco, com quem começou a namorar nove anos atrás — ambos se conheceram no trabalho, numa padaria de Bento Gonçalves. "Ela sabe que seria pior um casamento agora", afirma Renato. "Eu continuaria saindo com outras do mesmo jeito."

A mão demasiadamente aberta é outro forte traço da personalidade do ídolo rubro-negro. Grande parte dos 500 000 cruzados mensais que ganha no Flamengo vai direto para a bolsa de sua mãe, dona Maria, 62 anos, em Porto Alegre. Bom coração, ele não resiste aos apelos dos menores vendedores ambulantes e é capaz de comprar uma caixa de chicletes por 300 cruzados. As chaves de seu apartamento na capital gaúcha estão com "Cará", um menor abandonado que costumava passar seus dias no Grêmio, "Não pago nada", alegra-se o menino. "Já fui muito pobre", relembra o ponta, justificando sua atitude.

Aos poucos, esse ex-padeiro nascido em Guaporé, Rio Grande do Sul, acumula imóveis. Possui dois apartamentos e uma mansão em Porto Alegre, além da cobertura carioca.

Jura que prefere a chamada Cidade Maravilhosa a qualquer outra do mundo. "Aqui, tenho tudo o que gosto", resume. Empolgado, ele promete um título para o Flamengo. E, enfim, transforma-se num rebelde em luta por uma boa causa.

"O maior lateral-direito de todos os tempos", para Telê Santana, não usufruiu completamente da carreira por problemas físicos e, sobretudo, emocionais. Quem não se lembra dele abandonando a Seleção no embarque para a Copa do México? Quem não se lembra do futebol de Leandro?

Leandro, o craque da agonia

SUA ARMA ERA O TALENTO. SEU INIMIGO MORTAL, INSTABILIDADE. HOJE, ELE ACHA QUE VENCEU

POR RENATO MAURÍCIO PRADO

"Você ainda vai me ver assim — com a amarelinha no corpo, mão no coração, o Hino Nacional tocando..."

(Anos 70, dunas de Cabo Frio. Sonhando de olhos abertos, o menino Leandro brincava e divertia o primo e amigo Nonato.)

"Não vou. Não tem mais jeito. É uma decisão definitiva e vocês não vão me fazer mudar de idéia."

(Maio de 1986, Fonte da Saudade, zona sul do Rio de Janeiro. Olhos vermelhos pelo choro, fisionomia abatida, o lateral Leandro abandonava a Seleção, desistindo de disputar a Copa do México. Seu gesto provocou uma grande perplexidade. Principalmente em seus amigos, como Zico e Júnior, que chegaram a ir a seu apartamento numa tentativa desesperada de fazê-lo voltar atrás.)

"Acho que posso jogar a Copa da Itália. Por que não? Basta que o técnico da Seleção tenha personalidade bastante para me convocar e me escalar como zagueiro-central."

(Semana passada, conversando na varanda da casa dos pais, em Cabo Frio.)

Barra pesada

Entre as três frases, muita coisa aconteceu na vida de Leandro. Nesse tempo, pairaram sobre ele a fama de jogador azarado e a imagem de homem de personalidade emocionalmente instável, envolvido com freqüência em bebedeiras, brigas e acidentes de carro. Mas seu talento sempre foi tão grande que já era campeão Mundial Interclubes aos 21 anos pelo Flamengo e, aos 22, titular absoluto da lateral direita da Seleção Brasileira na Copa da Espanha.

Cumprir a profecia feita nas dunas brancas de Cabo Frio não foi, no entanto,

ANTONIO C. MAFALDA

Com a bola: as pernas arqueadas sobrecarregaram seus joelhos e abreviaram sua carreira

assim tão fácil. Uma capotagem de carro em 1980, por exemplo, atrasou sua subida para o time principal do Flamengo, ao provocar uma fratura no colo do fêmur. Pouco depois, foi recusado pelo Inter de Porto Alegre, que o considerou acabado para o futebol devido a uma operação no joelho esquerdo.

Apesar de tudo, lá estava Leandro vestindo a "amarelinha", mão no coração, enquanto o Hino Nacional tocava nos campos da Espanha. "O único mal daquele time era que todo mundo se mandava e só Oscar ficava lá atrás."

Terminada a Copa, a lateral acabou abandonada por culpa de uma tragédia — a morte do zagueiro-central Figueiredo num acidente de avião. Numa espécie de homenagem ao amigo morto, Leandro assumiu a camisa 3 rubro-negra. O tempo iria mostrar que aquela fora a melhor opção para um jogador que vivia às voltas com um problema crônico no joelho e que, por isso, não suportava mais o vaivém a que está obrigado um lateral moderno. "Desisti de ir ao México, em 1986, por saber que não seria útil na lateral e Telê não me aceitava na zaga", diz. "Eu só iria atrapalhar. Minha vida já andava complicada demais..."

Ao se recusar a embarcar com a Seleção para o México, Leandro, na verdade, apenas repetia o gesto que tivera em 1983. Naquele ano, também não aparecera no aeroporto para viajar até Salvador, onde o Brasil decidiria (e perderia) a Copa América contra o Uruguai. Nas duas situações, o mesmo problema: depressão. "Em 1983, eu estava me separando de minha mulher, Carla, e não deu mesmo para segurar", explica. "Em 1986, além do problema de não querer jogar mais na lateral, teve aquela história de chegar atrasado na concentração e o corte de Renato. A barra também ficou insuportável."

A famosa "noitada" é um episódio que não se constrange em lembrar. "Todo jogador gosta de uma biritinha e de uma sacanagem", admite. "O que Renato e eu fizemos foi ficar tomando chope e namorar até um pouco mais tarde. É mentira que chegamos embriagados. Até transei com a menina encostado no muro da concentração. Fiz questão de entrar pela porta da frente porque não vi sentido em esconder uma coisa absolutamente normal."

Telê Santana chegou a cortar os dois, mas — pressionado por outros jogadores — voltou atrás. Alguns dias depois, entretanto, Renato foi desligado. "Ali, ficou claro que o esquema tático da Seleção de 1982 seria repetido", acredita Leandro. "O time jogaria sem pontas e eu teria de fazer o vaivém. Avisei Telê de que não ia dar. Ele insistiu. Disse que só precisava de 15 minutos do meu futebol por jogo. Senti que não ia dar certo e desisti."

Uma onda de perplexidade tornou conta do país. Era inacreditável que um jogador espontaneamente se recusasse a disputar uma Copa do Mundo, e na hora do embarque. Zico e Júnior foram a seu apartamento para tentar convencê-lo a mudar de idéia. "Zico chorava e Júnior berrava, tentando me vestir à força o terno da CBF", lembra Leandro. Tudo em vão.

ARI GOMES

"Todo jogador gosta de uma biritinha e de uma sacanagem. O que eu e Renato fizemos foi tomar um chope e namorar"
LEANDRO

Um pouco antes da Copa, mais um drama na vida de Leandro: seu carro atropelou e matou um motociclista. Reforçava-se sua fama de irresponsável e azarado. Fama que ganhou ainda mais força com uma declaração brincalhona que fez meses depois. Haviam-lhe perguntado se não andava bebendo demais. Sua resposta: "Só bebo socialmente, em festas. O problema é que todo dia é de festa na minha vida."

A vida de Leandro tinha muito pouco de festa e quase tudo de drama. Chegou mesmo a pensar seriamente em largar o futebol. Só não o fez por desfrutar de um ambiente muito bom no Flamengo. "Esse clube é a minha terapia", reconhece. A chegada do preparador físico Carlos Alberto Lancetta à Gávea também foi importante para que não abandonasse a carreira. "O caso de Leandro é um erro típico de avaliação, que se tornou comum entre os preparadores físicos do Brasil, que acham ser o futebol força e não habilidade", fulmina Lancetta. "A maioria dos preparadores fazia Leandro forçar demais a articulação do joelho na sala de musculação. Comigo, trabalha a resistência. E assim poderá jogar até a próxima Copa."

Por falar nisso, para o cargo de técnico da Seleção Brasileira, apesar de não ter nenhum candidato, Leandro nutre uma esperança: "Se for alguém com personalidade, como Carlos Alberto Parreira, poderei até ser convocado". Carlinhos, seu atual treinador no Flamengo, acha que o zagueiro tem tudo para ser mais uma vez chamado. "Ele é, disparado, o melhor na posição", afirma.

Em setembro, quando completar dez anos de clube, Leandro ganhará passe livre. Se pensa em deixar o Flamengo? Não, até porque não consegue imaginar-se vestindo outra camisa. "Só sairia da Gávea para ganhar um dinheirão na Itália", garante, sem entusiasmo. "O problema é que eu não passaria nos exames médicos de nenhum clube italiano por causa da artrose no joelho." Com vários imóveis no Rio e em Cabo Frio, sua situação financeira é bastante estável e não o preocupa: "Embora seja uma pessoa que gasta muito, normalmente não terei problemas de dinheiro no dia que parar de jogar. É só uma questão de administrar direitinho".

Namoradas

Direitinho e com a mesma serenidade com que administra agora sua vida sentimental, antes sempre tumultuada. "Estou atravessando um momento muito gostoso, com muitas amigas e nenhuma namorada séria", alegra-se. Nem o problema da Aids perturba o colorido de tantas amizades. "Sei que a Aids é uma coisa séria, mas não sou de usar camisinha nas transas com minhas namoradas", confessa. Boa parte do seu amor desemboca hoje no filho, Leandro Júnior. "É com ele que passo a maior parte do meu tempo vago".

O menino vai freqüentemente à Gávea, onde fica brincando de chutar bolas. Vai ser craque? "Por enquanto é muito cedo para falar alguma coisa", Leandro ri. Futuros cobras ele vê em Rodrigo, filho de Sócrates, e Bruno, filho de Zico. "Os moleques são gênios", garante. "Vamos torcer para que conquistem um título mundial, coisa que a minha geração não conseguiu. Merecia, mas não conseguiu..." ○

Foram duas curtas passagens, é verdade. Mas como começou o a carreira na Gávea, foi lá que fez questão de encerrá-la, 15 anos depois, após uma gloriosa trajetória na Europa e no Japão. Pernas arqueadas, ele lembrava Leandro. Mas foi na outra lateral, substituindo Júnior, que despontou.

Com cara de menino: Leonardo foi campeão brasileiro pelo Fla aos 18 anos

Leonardo menino do Rio

AOS 18 ANOS, COM APENAS 19 JOGOS NO TIME DO FLAMENGO, O LATERAL-ESQUERDO GANHA A CAMISA TITULAR E A CONFIANÇA DA TORCIDA

POR CARLOS ORLETTI

Ao atender o telefone naquele dia, dona Aurélia nem imaginava que estava prestes a resolver um pequeno problema doméstico. "Precisamos que seu filho se apresente na Gávea para viajar com o time profissional", ordenou do outro lado da linha um funcionário do Flamengo. Dona Aurélia não se preocupou mais em escolher o presente para seu caçula, que 48 horas depois estaria completando 18 anos. Comparado com a oportunidade de vestir pela primeira vez a camisa titular do Flamengo, tudo que pudesse ganhar, mesmo que da mãe, se tornaria insignificante naquele momento.

É assim que começa a meteórica e bela ascensão do lateral-esquerdo Leonardo. Uma carreira que contabiliza apenas 19 jogos, nenhum gol, mas um dos títulos mais festejados no Flamengo — ultimamente o da primeira Copa União. Desde o amistoso contra o Bahia (0 x 0), na Fonte Nova, no dia 5 de setembro — data em que atingiu a maioridade —, até a final da Copa União, diante do Internacional, no Maracanã, a 13 de dezembro, tudo aconteceu como num passe de mágica para esse menino do Rio.

Niteroiense, com 12 anos não dispensava uma boa partida de rúgbi no Rio Cricket de sua cidade. Flamenguista, há pouco tempo ainda vibrava da arquibancada com seus ídolos Zico e Leandro. De repente, agora era seu nome que estava sendo gritado pela galera do Maracanã. "Senti um arrepio em todo o corpo", lembra-se do primeiro coro que ouviu. "Era o meu sonho de moleque realizado."

Sem o menor sintoma de estrelismo, Leonardo continua uma pessoa cativan-

te, com a mesma fisionomia juvenil. E bem que teria bons motivos para deslumbrar-se. O telefone de sua casa, onde mora com a mãe e os irmãos Roberta, 21 anos, e Júnior, 20, não pára de tocar. Quem liga? "Mulher, é claro", resmunga dona Aurélia, 47 anos. "E uma perturbação enorme."

O assédio chega também pelo correio. São cinco cartas diárias, em média — quase nada se comparado à correspondência destinada a Zico e Renato, mas ótimo para quem há poucos meses era um passageiro anônimo da lotadíssima barca Rio-Niterói em sua ida diária aos treinos dos juniores. As cartas chegam de todo o Brasil e quase invariavelmente vêm meladas de juras de amor e elogios insinuantes. "Você é simpático, brincalhão e, acima de tudo, gostoso", escreve Beatriz, do Rio de Janeiro. "Eu te amo", resume Andrea, de Petrópolis.

Bochechas coradas

"Fico até curioso em conhecer algumas dessas meninas", admite. "Mas não teria sentido fazê-lo." Tímido, não tem namorada firme e foi capaz de ficar com as bochechas coradas na última semana, quando uma repórter da revista Contigo quis saber sobre seu relacionamento com as mulheres. A timidez volta a se revelar na hora de ir à praia. Em vez de sunga, usa um comportado calção. "E que tenho as pernas muito separadas", justifica, meio sem jeito.

No mais, não existe introversão — principalmente quando entra em campo. Se está cedo para ser inscrito entre os jogadores mais famosos do Flamengo, Leonardo já se firmou aos olhos da torcida pela naturalidade com que enfrentou os primeiros e espinhosos desafios. Financeiramente, só na terça-feira da semana passada começou a colher bons frutos. Assinou seu primeiro contrato como profissional, com um salário mensal de 100 000 cruzados — quatro vezes mais do que vinha ganhando. "Ele é um jovem de cabeça feita", define o técnico Carlinhos.

Essa serenidade, na verdade, não é obra do acaso. Leonardo não pode ser comparado à grande maioria dos garotos que chegam aos clubes em busca de uma chance. Para começar, ele não é pobre. Filho de família de classe média, estudou em bons colégios de Niterói. Nunca foi a um clube implorar para fazer um teste. Sempre era chamado. Seu futebol eficiente e de muitos gols — jogava de ponta-esquerda — despertou o interesse dos olheiros do Vasco, que o levaram para São Januário em 1984.

Aos 14 anos, experimentou o banco de reservas da equipe infantil, teve de abandonar o curso de inglês e prejudicou sua vida estudantil. Resolveu pedir dispensa e se dedicar apenas à escola. Não demorou muito e chegou a vez de o Flamengo buscá-lo em casa, convite feito pelo supervisor Isaías Tinoco, que o conhecera no tempo em que ambos estiveram no Vasco.

Edinho, o tutor

Na Gávea, passou a viver ótimos momentos. Em 1986, sagrou-se campeão mundial juvenil interclubes no Marrocos. Subiu para os juniores atuando com segurança, tanto na ponta como na lateral-esquerda — e, no ano passado, chamou a atenção de Antônio Lopes. No time de profissionais, continuou dando certo. Recebeu logo a atenção dos mais experientes. O zagueiro Edinho, principalmente, virou uma espécie de tutor do menino prodígio. Quem assiste aos jogos do Flamengo pode ter a falsa impressão de que Edinho detesta Leonardo, com quem não pára de esbravejar o tempo inteiro. "É que eu ganhei a confiança do Leonardo, fiz com que ele entendesse que quero apoiá-lo, e por isso me sinto à vontade para lhe falar duramente", explica Edinho, que tinha 14 anos quando Leonardo nasceu. "Edinho só me ajuda fazendo isso", reconhece o lateral. "Ele é um grande cara."

Em casa, do mesmo modo, não falta apoio. O irmão Júnior, estudante de Engenharia e rubro-negro fanático, segue Leonardo em todas as partidas. "O que não pode é deixar o sucesso subir-lhe à cabeça", aconselha a irmã Roberta, formada em Informática e que jamais pisou no Maracanã. "Ele é um profissional tão dedicado quanto o Zico", compara a coruja mamãe Aurélia. Um pouco afastado da família — separou-se da mulher em 1976 —, o pai, Francisco, 45 anos, também acompanha atentamente a carreira de Leonardo. Ele próprio assessorou o jogador na assinatura do primeiro contrato. Não foi capaz, porém, de assistir à final da Copa União, com medo da pressão alta. "Mas o que vibrei depois que vi meu filho campeão é algo indescritível", conta ele. "É emoção que só um pai sente."

Se depender de Leonardo, a família continuará a se emocionar muito com o ilustre filho. Sua vida se resume ao futebol. Dificilmente sai à noite. Não passa das 22 horas para ir à bicama que divide com o irmão Júnior. Às 7 da manhã está de pé.

Crescer e ensinar

Como não pensa em outra coisa além da bola, trancou no segundo período a matrícula no curso de Educação Física da Universidade Gama Filho. "Quero crescer como profissional e depois transmitir para as pessoas o que aprendi", diz. O dia em que isso irá ocorrer está um pouco distante. Pois, se continuar jogando desse jeito e o Flamengo não perdê-lo para outro clube, certamente terá um camisa 4 para emplacar a virada do século.

Leonardo divide com Vítor, do Botafogo: começo precoce e carreira de sucesso aqui e no exterior

Ele parecia eterno. Júnior jogou com a mesma categoria de sempre por 14 anos no Mengão, em duas passagens. É o recordista de partidas com a camisa do time. Foram 865 jogos, com 74 gols. Ganhou todos os títulos possíveis. O primeiro, o Estadual de 1974. O último, o Brasileiro de 1992!

Júnior, campeão da ousadia

POR MAURO CÉZAR PEREIRA

Em seu primeiro treino na Gávea, a cabeleira black assustou o treinador Modesto Bria. "Estou diante de um tocador de guitarra ou de um jogador de futebol?", perguntou, irônico, o mais antigo integrante da comissão técnica do Flamengo, sem esconder seu espanto também com o nome do garoto que se candidatava a uma vaga no time juvenil: Leovegildo. No dia seguinte, lá estava o aspirante a craque novamente, só que de cabelos mais curtos e com o nome de guerra escolhido: Júnior. Astuto, o rapazinho mostrava pela primeira vez em sua longa história no clube que estava atento a tudo para conseguir uma chance.

Habilidoso, com grande sentido de organização de jogo e um alto índice de acerto nos passes, o garoto de cabeleira afro logo venceu as primeiras desconfianças de Modesto Bria e entrou no time juvenil como jogador de meio-campo. Para passar à equipe profissional, porém, Júnior assumiu uma posição tão pragmática como cortar o cabelo ou trocar de nome: aceitou ser improvisado na lateral direita e, mais tarde, na esquerda, onde acabou se firmando definitivamente. "A concorrência no meio era grande na época e o Júnior foi inteligente ao aceitar a improvisação", diz seu ex-companheiro Zico.

Versátil, ele se empenhou para se transformar em um lateral de verdade. Assim, ainda jogando pelo lado direito, fez o gol que considera o mais importante de sua carreira. "Foi contra o América carioca, nas finais do Campeonato Estadual de 1974", lembra. "Tinha acabado de subir para os profissionais e senti o goleiro Rogério adiantado. Arrisquei um chute quase do meio campo e fui feliz, garantindo a vitória." A audácia que mostrou nesse lance tornou, com o tempo, uma das características mais marcantes do seu futebol. Junior guarda com orgulho na memória um lance também de muita ousadia que aconteceu em uma partida contra o Internacional, em 1983, nove anos depois daquele seu primeiro gol no time de cima. "Tentei dominar a bola dentro da pequena área e ela escapuliu", lembra. "Como um atacante contrário se aproximava, dei uma bicicleta e mandei pra escanteio."

OBCECADO PELO ATAQUE, MUDOU TODOS OS CONCEITOS CLÁSSICOS DA FUNÇÃO DE LATERAL

Esse atrevimento acabou criando muitos problemas em seus primeiros anos de carreira. Com sua marcação ofensiva, Júnior jamais aceitou passivamente o tradicional papel de mero marcador de ponta. Ao contrário, a alegria com que participava das jogadas ofensivas do Flamengo fez desabar sobre sua cabeça montanhas de críticas por deixar espaços demais na defesa. "Chegaram a pedir a escalação do Wladimir e do Pedrinho, que era do Palmeiras, no meu lugar na Seleção, Júnior recorda. "Mas isso nunca me abalou e o tempo veio mostrar que eu estava certo."

Se não pode reivindicar para si o pioneirismo da participação de um lateral nas manobras ofensivas de uma equipe (Nílton Santos, por exemplo chegou a marcar um gol na partida de estréia do Brasil contra a Áustria, na Copa de 1958). Júnior sem nenhuma dúvida, tem todo o direito de se autoproclamar um dos primeiros zagueiros a tornar essa prática sistemática. "Hoje em dia, o lateral somente marcador não tem mais espaço no futebol moderno", diz sem conseguir esconder a vaidade de haver contribuído decididamente para isso.

"Ele avançava e deixava espaços, é verdade, mas também é certo que criava muitas situações de gol para o ataque", avalia Tita, outro seu ex-companheiro de Flamengo. E Zico lembra um lance para ilustrar melhor o que diz Tita: "Foi na primeira partida da decisão do Brasileiro de 1982, no Maracanã. O Grêmio vencia por 1 x 0 já nos minutos finais. Tudo parecia perdido. Aí o 'Léo' foi ao ataque e cruzou na medida para mim. Fiz o gol do empate. Em seguida, em Porto Alegre, ganhamos de 1 x 0 e conquistamos o título."

Por essas e outras, craques consagrados do passado só têm elogios para o seu futebol. "Júnior possui o sentido exato do que seja jogo coletivo", avaliza Orlando Pingo de Ouro, ex-atacante do Fluminense e da Seleção Brasileira nos anos 40. "Ele é perfeito", sintetiza Nílton Santos, considerado o maior lateral-esquerdo brasileiro de todos os tempos. Mas, mesmo com toda a liberdade que conquistou para atacar, ainda assim a lateral era uma espécie de prisão para tanta técnica, habilidade e senso de organização em campo. Assim, ao se transferir para a Itália, Júnior voltou às raízes, passando a atuar no meio-campo. E foi como meia que acabou eleito o craque da temporada 1984/85 com a camisa do Torino, virou tema de uma edição extra da revista *Guerin Sportivo* e, anos mais tarde, uma espécie de deus no Pescara, seu clube nos últimos dois anos de Itália.

Em 1986, voltando de um amistoso da Seleção Brasileira na Alemanha, ganhou o elogio do técnico italiano Enzo Bearzot, campeão do mundo em 1982, que durante a viagem lamentou não poder convocá-lo à Squadra Azzurra. Na mesma época, Luigi Radice, técnico do Torino, protestava contra a possibilidade de Júnior ser escalado por Telê Santana na lateral, durante o Mundial do México. "Vocês no Brasil vão matar o talento dele, colocando-o para correr atrás de pontas. Não façam isso. Júnior é um dos maiores organizadores de jogo do mundo", disparou. Os quase 800 jogos disputados com a camisa do Flamengo representam um recorde na história do clube. Júnior raramente se machuca e, aos 37 anos — faz 38 dia 29 de junho — está de volta à Seleção, convocado por Parreira. "Os clubes por onde Júnior passou empregaram muito bem o dinheiro gasto com ele, um cara que nunca falta ao trabalho. Se o Flamengo joga 75 partidas em um ano, por exemplo, Júnior participa de 74 e meia", calcula Raul.

"Chegaram a pedir a escalação do Wladimir e do Pedrinho no meu lugar na Seleção, mas isso nunca me abalou. O tempo veio mostrar que eu estava certo"

Aos 38 anos, comemorando um dos gols que valeu o título brasileiro de 92: craque-vovô

Segurança e agilidade combinadas com personalidade forte e declarações firmes. Júlio César tornou-se o dono da camisa 1 do time mais popular do país muito cedo e não tremeu. Ao contrário: em tempos de vacas magras e debandadas de estrelas da Gávea, virou o principal ídolo do time.

Posando para a PLACAR: e não é que muitas vezes ele parece ter mais de dois braços?

O melhor do Brasil?

JÚLIO CÉSAR SE MOTIVA PENSANDO QUE NÃO HÁ NINGUÉM MELHOR QUE ELE DEBAIXO DAS TRAVES BRASILEIRAS. DO JEITO QUE TEM JOGADO, OUTROS COMEÇAM A PENSAR O MESMO POR LÉO ROMANO

Ao chegar para treinar, Júlio César lembra o típico moleque, no bom sentido da palavra. Não que seja inconseqüente, longe disso. Lembra pelo seu jeitão de garoto, que faz questão de preservar. Seu traje oficial: camisão para fora da bermuda, boné virado para o lado de trás da cabeça e chinelo. Mas quando está em campo, a postura juvenil fica de lado e surge um paredão de seriedade e talento, que impressiona os melhores atacantes do Brasil. Quem diz isso? Não só flamenguistas, que se acostumaram com suas grandes defesas. Vascaínos, que sofreram a cada intervenção milagrosa do goleiro na decisão do Carioca — que valeu o tricampeonato para o Flamengo —, botafoguenses e tricolores também o consideram bom. Inclusive o próprio Júlio se acha o melhor.

"Eu acredito que, pensando que sou o melhor, fico mais confiante e meu trabalho rende mais." Mas se apressa a consertar: "Não é marra nem desprezo pelos outros profissionais nem quer dizer que realmente eu seja o melhor. Sou assim para melhorar sempre." Ouvindo isso pela primeira vez, podem mesmo pensar que é marra. Mas não soa assim. Pelo contrário. Não se sabe de qualquer história em que ele tenha se aproveitado da fama para contar vantagem ou obter algum privilégio, como fazem alguns jogadores. Faz questão de manter o jeitão simples, dos tempos de futsal no Grajaú Country Clube. Fala muita gíria, é "fera" para cá, "meu irmão" para lá, gesticula bastante.

O bom humor é quase constante. Júlio César mostra sobriedade ao comentar seu

estilo de ser e de pensar. "Eu sou uma pessoa confiante, mas não sou marrento. Tem gente que é assim, eu respeito muito, mas não é a minha. Eu sou um cara que se preocupa com a imagem, tanto que contratei uma assessoria de imprensa para me ajudar nisso. Não para eu aparecer na mídia, mas para dar um toque de como devo agir em determinadas situações, essas coisas."

Ele fala de Romário, ex-companheiro no Flamengo, ao afirmar que "tem gente que é marrenta", mas ele respeita. Não soa falso. O goleiro diz que sempre admirou o agora atacante vascaíno. Só não era assim quando os dois se enfrentavam nas peladas de futevôlei no antigo Fla-Barra, antes dos treinos. Júlio e Clemer formavam uma dupla quase imbatível, que se manteve invicta por um bom tempo. O Baixinho não tinha moleza e quase sempre levava a pior, com qual parceiro fosse. "Ele suava para ganhar, mas a gente zoava muito. Só que não dava para comparar aquele brincadeira com futevôlei na areia."

Copa nos planos

Regular, ele conseguiu ser uma unanimidade no Rio de Janeiro. As pessoas o param nas ruas e o discurso, segundo ele, é sempre o mesmo. "Flamenguistas, tricolores, vascaínos chegam para mim e dizem que eu deveria estar na Seleção, que só Leão não vê isso. Mas sei que vou ter uma chance um dia", diz, paciente. Paciente e confiante. Otimista por natureza, apesar de faltar menos de um ano para a Copa de 2002, não falta esperança de disputar o Mundial da Ásia. "É claro que acredito em jogar a Copa. Falta muito tempo para a convocação final."

Pode ter confiança mesmo. Palavra de Zagalo, que do alto de seus quatro títulos mundiais não hesita em afirmar que em breve Júlio estará vestindo a amarelinha. "Eu sempre disse que dois jogadores meus tinham vaga certa na Seleção. O Juan já foi chamado. O Júlio é só questão de tempo." O goleiro terá de saber esperar o seu momento na Seleção. Mas já provou que não é de pôr a carroça na frente dos burros. Está na dele, aguardando com cautela uma oportunidade.

Desde que começou nos profissionais do Flamengo, em 1997, Júlio César foi tratado como uma das maiores revelações dos últimos anos. O mesmo tratamento que o amigo Juan recebia. Mas o goleiro teve um começo irregular. Não se firmou e Clemer acabou sendo comprado da Portuguesa para ser o goleiro principal no Campeonato Brasileiro daquele ano. Suas chances de se firmar caíram consideravelmente e ele acabou voltando para os juniores. Ao retornar ao time de cima, o prestígio ainda era grande, mas teve de se contentar com a reserva de Clemer. Muitos já apostavam que o reserva era melhor que o titular e as seguidas falhas do camisa 1 no ano passado garantiram a Júlio uma chance. Ele não a desperdiçou.

De lá para cá, se ele cometeu três erros gritantes, foi muito. Clemer não teve a menor possibilidade de recuperar a posição. Logo que se firmou como titular, Júlio pensou que iria perder um amigo, mas isso não chegou nem perto de acontecer. "Clemer até poderia ficar chateado pela maneira como saiu do time, mas fiquei surpreso com a reação dele, o cara é demais mesmo. Achei que podia ficar sem falar comigo, pois isso acontece muito no futebol. Mas provou que é muito boa gente."

Pilha, muita pilha

Júlio César também sabe expor o seu ponto de vista e é ouvido pelos companheiros, mesmo sendo jovem e não tão experiente. Foi assim no intervalo da histórica final contra o Vasco (àquela altura empatada em 1 x 1), quando ele tomou a iniciativa de motivar a equipe no vestiário. Porém ele se destaca muito mais pelo jeito brincalhão e extrovertido. "Sou um humilde extrovertido", diz. Extrovertido bem acima da média, diga-se de passagem. Sua voz azucrinando a paciência de alguém e suas gargalhadas escandalosas são ouvidas com freqüência nos corredores da Gávea. "Eu e Beto somos os que mais botamos pilha mesmo. Ninguém escapa."

"Eu sou uma pessoa confiante, mas não sou marrento. Sou apenas um cara que se preocupa com a sua imagem"
JÚLIO CÉSAR

As brincadeiras são freqüentes, mas acabam assim que o time começa o treino no campo. Júlio é o primeiro a entrar e dos últimos a sair. Treina muito saída de gol e não hesita em ficar agarrando chutes dos atacantes que treinam finalizações. Quanto mais, melhor. Sua dedicação é impressionante e com isso conquistou a confiança de Zagalo, e a de todos os companheiros. Mas, quando dá para dar uma relaxada nos treinos, ele sabe aproveitar. Um desses momentos, talvez o único, são os tradicionais recreativos de véspera de jogo. O goleiro deixa as luvas de lado e se posiciona no ataque. Isso para relembrar os tempos de ala-esquerda no futsal do Grajaú Country Clube

Todavia, usa muito sua habilidade com os pés nas partidas. Em, primeiro lugar, sabe bater bem na bola para cobrar um tiro de meta. Costumam ser precisos. Além disso, Juan e Gamarra podiam ficar tranqüilos para recuar uma bola quando estivessem apertados por algum atacante.

Zagallo também se impressionou com a habilidade do goleiro e tirou proveito dela na campanha do tricampeonato carioca. "Zagalo me pedia para jogar também na sobra dos zagueiros." Cumpriu bem a tarefa, tanto que só cometeu uma falha em todo o campeonato.

Família, família

E as noitadas? "Não sou da pista, minha diversão é ficar em casa. Sou família mesmo." E como. Não só mora com os pais, Jenis e Fátima, mas com os irmãos Espíndola — e Júnior. A avó, Rita Soares, é o xodó da família. "A gente se diverte com ela", diz o goleiro. Enquanto o pessoal conversa, ele gosta mesmo é de jogar videogame. Diverte-se vencendo os irmãos nas partidas de futebol no Virtual Strike, seu game predileto — onde, assim como nos recreativos, pode dar uma de atacante.

Só o gol de falta maravilhoso, ao estilo Zico, que valeu o tricampeonato carioca ao Flamengo, já colocaria Pet na galeria dos imortais do Flamengo. Mas o camisa 10, que brigava por dinheiro com a mesma vontade que brigava por campeonatos, levou também outras taças importantes para o clube.

FOTOS EDUARDO MONTEIRO

Pet e a mulher Violeta na luxuosa casa, no Rio: exemplo de triunfo de jogador estrangeiro no país

A boa vida dos gringos

OS 19 ESTRANGEIROS DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 2001, UM RECORDE, PODEM NÃO TER AS MESMAS MORDOMIAS DE PETKOVIC, MAS LEVAM VIDA TRANQÜILA NO PAÍS DO FUTEBOL

Não é cenário de filme. A casa acima é do flamenguista Petkovic, um símbolo desse Brasileiro invadido pelos gringos. Claro que nem todos vivem tão bem quanto o iugoslavo, até porque nem todos podem se gabar por serem ídolos de um clube como o Flamengo. A maioria está bem longe disso. Mas o fato é que nenhum deles, ao comparar a situação que levavam em seus países, se queixa da vida no país do futebol. Pelo contrário.

São nada menos que 19 estrangeiros na primeira divisão. Um recorde? Provavelmente. É que a CBF não tem computado o número de gringos que já disputaram as 30 edições anteriores do Brasileiro.

Explicações não faltam. "A crise de talentos no futebol brasileiro" é a resposta mais fácil e a mais repetida pela maioria dos empresários e dirigentes ouvidos por PLACAR. Engano. Há duas explicações mais convincentes. São elas o custo baixo da maioria desses jogadores e a crise econômica na Argentina.

O Brasil vem aumentando consideravelmente o número de importações de jogadores. Em 1995, tivemos 153 transferências do exterior para o país (contando brasileiros repatriados e estrangeiros). O número foi crescendo gradativamente até o ano passado, quando chegou a 352 negociações, um recorde.

Os iugoslavos, como Pet, são um caso à parte. Foram nada menos do que quatro contratados. Nenhum deles veio por indicação de Petkovic (o flamenguista até negocia jogadores de seu país, é dono do passe do goleiro Tandic, do Londrina). "Virou moda contratar iugoslavo no mundo todo. São jogadores extremamente baratos, eles estão invadindo até a Arábia", diz o empresário Léo Rabelo. Os motivos: são homens que, devido à guerra, passavam dificuldades tremendas em seu país, sendo fácil tirá-los de lá. Além disso, têm se mostrado disciplinados, habilidosos e os exemplos mostram que se adaptam facilmente nos países estrangeiros. Começam a invadir o Brasil, também. O sonho: repetir os passos de Dejan Petkovic.

O jovem Dejan sempre teve apreço pela bola. Nas ruas de Majdanpek, cidade do interior da Iugoslávia, ele não hesitava quando lhe chamavam para uma boa pelada. Numa dessas, quando tinha 6 anos, um treinador do Radnicki, clube da cidade de Nis, perguntou-lhe se queria se tornar um jogador profissional. "Não entendi muito bem na hora, mas respondi imediatamente que sim", diz Dejan Petkovic, hoje ídolo do Flamengo.

Foi o mais jovem jogador da história do futebol iugoslavo a atuar numa partida oficial. Orgulhoso, Pet sabe a data de seu

primeiro jogo na ponta da língua. "Foi no dia 25 de setembro de 1988, eu tinha 16 anos e 15 dias de idade quando defendi o Radnicki contra o Zeljeznicar, que hoje é um time da Bósnia. Vencemos por 4 x 0, mas não marquei nenhum gol."

Hoje, bem longe da conturbada região dos Bálcãs, ele não só se tornou um profissional da bola, mas um ídolo que tão cedo não será esquecido. O gol de falta que deu o tricampeonato carioca ao Flamengo marcou Petkovic para sempre. E o meia repetiu a dose na decisão da Copa dos Campeões, vencida contra o São Paulo. "Primeiro, disseram que foi sorte, mas não só marquei contra o São Paulo como contra o Gama, no Brasileiro do ano passado, e contra o Fluminense, no Carioca de 2000. Eu treino muito, é natural ter resultado."

Os gols de falta podem ter sido comuns para Pet, mas não para a massa flamenguista. O assédio ficou muito maior. "Aqui no Rio até que é tranqüilo, vocês precisavam ver como foi em Maceió (na Copa dos Campeões). Ninguém deixava ele andar na rua", diz a mulher Violeta, que reclama da falta de segurança no Brasil. "Aqui não há como ficar tranqüila, ainda mais agora."

Petkovic pôde curtir a fama depois de um início tenebroso quando chegou à Gávea. Ele não gosta nem de lembrar como foi difícil sua adaptação no começo da vida carioca. Não só estranhou a cidade, como também, em sua opinião, a cobrança exagerada no Flamengo. "O que passou, passou. O importante é que superei todos os problemas", diz, meio contrariado.

Ele reconhece que o início não foi dos melhores. Além de não se adaptar ao clube, estranhou também o assédio constante em torno dos jogadores. Não entendeu o dia em que foi de bicicleta para o treino no Fla-Barra e os fotógrafos se acotovelavam para pegar a melhor imagem de um astro chegando de maneira tão insólita ao trabalho. "Eu estava esperando o motorista em casa, ele não chegava. Como morava perto do Fla-Barra, peguei a bicicleta 'novinha' do caseiro, que tinha 'só' 35 anos de uso, e fui. Não posso chegar atrasado ao treino, sou muito profissional."

"Vocês treinam demais..."

Um ano e sete meses depois de passar poucas e boas no Flamengo, Pet parece ter se adaptado às peculiaridades do futebol brasileiro, em especial às do rubro-negro. Mas até agora não entende os métodos de treinos no país tetracampeão do mundo. "A gente joga duas vezes por semana, faz dois treinos coletivos e três físicos. Para quê tanto? Só pode ser para aparecer."

No início, o meia era obrigado a fazer tudo como mandava o figurino. Porém, hoje em dia, embora treine muito mais do que nos tempos de Europa, não é tão exigido quanto os outros. Conseguiu isso com muita argumentação. "No Vitória eu conversava com os preparadores-físicos e perguntava o porquê de tantos treinos. Eu dizia que na Europa não era assim e eles respondiam que por isso o Brasil era tetracampeão mundial. Burrice. Se trabalhassem direito, já teriam sido campeões mundiais umas dez vezes."

Pet aproveita o embalo e diz que os erros no trabalho de preparação estão se refletindo na Seleção Brasileira. Acha que o talento do futebol brasileiro está acabando. Compara o trabalho de base feito na Iugoslávia com o daqui e conclui que seus conterrâneos estão agindo melhor que os formadores de jogadores no Brasil. "Aqui mandam um garoto de 14 anos correr sete quilômetros. Um garoto da mesma idade na minha terra está é jogando futebol. Não é o mais natural? Por isso que os talentos estão ficando raros aqui."

Mas Pet não é só elogios ao futebol de seu país. Está incomodado com sua ausência da seleção. As duas últimas partidas que disputou foram em dezembro de 1999. "Fui capitão. Mas, depois que vim para o Flamengo, não me chamaram mais. Cada hora inventam uma desculpa, mas a verdade é que se você não atua na Europa, eles não te chamam. Quando estava no Venezia, que é dez vezes mais fraco que o Flamengo, fui convocado. Isso prova por que estou fora da seleção atualmente. Fazer o quê?", diz. "Não tenho esperanças, mas também não é algo que me deixe magoado. Todo jogador quer defender a seleção de seus país, mas pensa também que quando é convocado sua possibilidade de assinar bons contratos aumenta. Consegui isso sem ser chamado."

"Para quê tanto treino? Burrice. Se trabalhassem direito, já teriam sido campeões mundiais umas dez vezes pelo menos"
PETKOVIC

Jogar no Brasil pode estar afastando Petkovic da seleção em sua opinião, mas ainda assim diz que se sente feliz: "Acho que o futebol daqui combina comigo." E como. Porém, não pensa em fixar raízes no Brasil, embora tenha comprado uma casa na Barra da Tijuca — avaliada em cerca de 1,5 milhão de reais — e tenha alguns investimentos no país, que não gosta de comentar. Limita-se a dizer que deixa tudo a cargo da Player Empreendimentos Esportivos e Culturais e só fala do goleiro Tandic, do Londrina, de quem é empresário.

Os negócios por aqui vão continuar, mas o destino da família Petkovic após o término da carreira provavelmente será Madri. A esposa Violeta não esconde o fascínio pela capital espanhola. "As alternativas culturais lá são muitas. Aqui no Rio há opções, mas não dá para comparar com a Europa. Ainda mais em Madri, que é uma cidade deliciosa."

Além disso, também conta a favor do retorno à Europa a maior proximidade dos parentes, que ficaram na Iugoslávia. Para compensar a distância, Violeta e Pet conservam hábitos que tinham em sua terra natal. Sempre há música na casa, de preferência romântica ou gospel. "É que nós somos ortodoxos e a religião evangélica é a que mais se assemelha à nossa", diz Pet, que se converteu à MPB. "Gosto muito da música brasileira em geral. Lulu Santos e Ed Motta são ótimos."

A vida no Brasil está boa e, se continuar tão badalado quanto está sendo agora, talvez o retorno de Petkovic a sua Europa demore um pouco a acontecer. Mais de 25 milhões de flamenguistas torcem por isso. Até lá, o iugoslavo bem que poderia devolver à PLACAR a chuteira que levamos para ele posar para fotos. Pet gostou tanto que tem jogado com ela. Pelo menos prometeu fazer propaganda para a gente se seguir marcando os seus golaços...

PLACAR

O MUNDO DE ESPECIAIS PLACAR

Confira o vasto cardápio com todas as edições especiais publicadas em 2002 e o que ainda vem por aí...

COLEÇÃO COPA 2002

PLACAR NAS COPAS (ABRIL)
As reportagens de todos os jogos da Seleção Brasileira desde 1970 publicadas na PLACAR. **52 páginas, R$ 4,50.**

SELEÇÃO DO POVO (ABRIL)
Pesquisa revelando quem eram os preferidos da torcida e os perfis da Família Scolari. **52 páginas, R$ 4,90.**

GUIA DA COPA (MAIO)
O melhor guia com fichas e fotos dos 736 jogadores do Mundial de 2002. **148 páginas, R$ 6,80.**

O MELHOR DA COPA (JULHO)
A grande final, os 10 jogões, as 10 surpresas, as 10 decepções, as imagens mais incríveis, o tabelão completo. **114 páginas, R$ 6,90.**

PÓS-JOGO COPA 1, 2, 3, 4, 5 e 6 (JUNHO)
Seis especiais pós-jogos com fotos e textos das partidas do Brasil, perfis e tabelão da Copa. **36 páginas, R$ 3,90 cada.**

DVD A HISTÓRIA DO FUTEBOL 1, 2, 3 e 4 (JUNHO)
Quatro revistas com DVDs dos filmes oficiais da Fifa com os gols e melhores momentos das Copas de 30 a 98. **R$ 19,90 cada.**

VOCÊ TAMBÉM É PENTA (AGOSTO)
Livro do fotógrafo da PLACAR Ricardo Corrêa com as melhores imagens do Mundial 2002. **100 páginas, R$ 19,90.**

100 FOTOS DA SELEÇÃO (JULHO)
Especial de luxo com as 100 melhores fotos da Seleção Brasileira em todos os tempos. **100 páginas, R$ 9,90.**

PÔSTER BRASIL PENTA (JULHO)
O superpôster do Brasil, as fichas dos pentacampeões, autógrafos e a reportagem da final. **R$ 2,50.**

COLEÇÃO GUIAS E CAMPEÕES

EDIÇÃO DOS CAMPEÕES (JANEIRO)
Pôsteres de todos os campeões nacionais de 2001. Para guardar e colocar na parede.
48 páginas, R$ 4,50

PÔSTER CRUZEIRO SUL-MINAS (MAIO)
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor. **R$ 3,50.**

GUIA DO SEMESTRE (MARÇO)
Guia dos regionais, estaduais, Libertadores e Copa do Brasil com informações sobre os clubes participantes.
84 páginas, R$ 4,90.

PÔSTER CORINTHIANS RIO-SÃO PAULO (MAIO)
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor. **R$ 2,90 .**

100 FOTOS DO CORINTHIANS (MAIO)
Especial de luxo com as 100 melhores fotos do Corinthians em todos os tempos.
100 páginas, R$ 9,90.

PÔSTER BAHIA COPA DO NORDESTE (MAIO)
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor.
R$ 3,50.

COLEÇÃO 13 CLUBES

GRANDES PERFIS
Os melhores perfis publicados na PLACAR desde 1970 de Flamengo, Corinthians, Atlético-MG, Internacional, Vasco, São Paulo, Grêmio, Cruzeiro, Fluminense, Palmeiras, Bahia, Santos e Botafogo. Em 13 edições especialíssimas.
52 páginas, R$ 4,90, a partir de setembro.

E o que vem por aí...

COLEÇÃO BRASILEIRÃO 2002

GUIA DO BRASILEIRÃO
O melhor guia com fichas e fotos dos 486 jogadores do Brasileiro de 2002, curiosidades, tabelas e muito mais. **128 páginas, R$ 6,90. Já nas bancas**

A HISTÓRIA DO BRASILEIRÃO
Especial acompanhado de CD-ROM que traz as fichas completas dos 11 065 jogos do Campeonato de 1971 a 2001.
32 páginas, R$ 6,90. Já nas bancas.

ALMANAQUE DO BRASILEIRÃO
Especial com mais de 100 perguntas sobre o Brasileiro, Tabelão de 2002, as imagens mais espetaculares, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em outubro.**

REVELAÇÕES DO BRASILEIRÃO
Especial com os destaques do campeonato, as fotos coma assinatura PLACAR, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em novembro.**

RETROSPECTIVA DO ANO
Especial com o que aconteceu de melhor no Brasileirão, Copa do Brasil, estaduais, Copa do Mundo e destaques do ano do futebol. Além do Tabelão do Brasileiro, Bola de Prata e Chuteira de Ouro. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em dezembro.**

O MELHOR DO BRASILEIRÃO
Especial com os 10 jogões, as 10 surpresas, as 10 decepções, o Tabelão completo de todo o campeonato, o resultado final da Bola de Prata e da Chuteira de Ouro. Para as imagens mais espetaculares, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas no final de dezembro.**

VENDAS POR INTERNET

NO SITE WWW.PLACAR.COM.BR (LOJA PLACAR) É POSSÍVEL COMPRAR PACOTES DOS ESPECIAIS PUBLICADOS EM 2002

> Pacote Copa total:
Os seis especiais pós-jogo, o Melhor da Copa e o Pôster do campeão: de R$32,80 por R$19,90 mais frete.

**Para comprar algum revista específica basta pedir ao jornaleiro mais próximo*

> Pacote 4 DVDs:
Os quatro especiais História das Copas com os vídeos oficiais dos Mundiais de 1930 a 1998: de R$79,60 por R$69,90 mais frete.

> Pacote Corinthians:
O Almanaque do Timão, o especial 100 fotos do Corinthians e o pôster do campeão da Copa do Brasil: de R$22,70 por R$14,90 mais frete